



Eu empreendo!

Histórias de estudantes e profissionais que transformaram boas ideias em negócios a partir de experiências na universidade

Trânsito

Especialistas da UFC apontam problemas e soluções para o caos nas grandes cidades

Direitos

Grupos de extensão levam educação e assistência jurídica a pessoas de baixa renda



A luta contra a Aids não pode parar

A Prefeitura de Fortaleza sabe da importância da luta contra a Aids. Sabe também que um dos mais terríveis sintomas causados pela doença é o preconceito. Por isso, desde 2005, a Secretaria Municipal de Saúde desenvolve, através da Coordenação Municipal de DST/Aids, ações no intuito de promover mais qualidade de vida aos portadores de HIV, aumentando o acesso aos serviços de saúde como a implantação dos SAE (Serviço de Atendimento Especializado em HIV/Aids), ampliação do diagnóstico precoce, distribuição de medicamentos para DST e infecções oportunistas, distribuição de cestas básicas, vales-transportes, fórmula láctea para crianças expostas ao vírus e apoio a projetos de organizações de pessoas vivendo com HIV/Aids. Essas e outras ações são a prova de que a luta da Prefeitura de Fortaleza não para nunca.



1º de dezembro
Dia Mundial de Luta contra a Aids.



Prefeitura de
Fortaleza



www.fortaleza.ce.gov.br

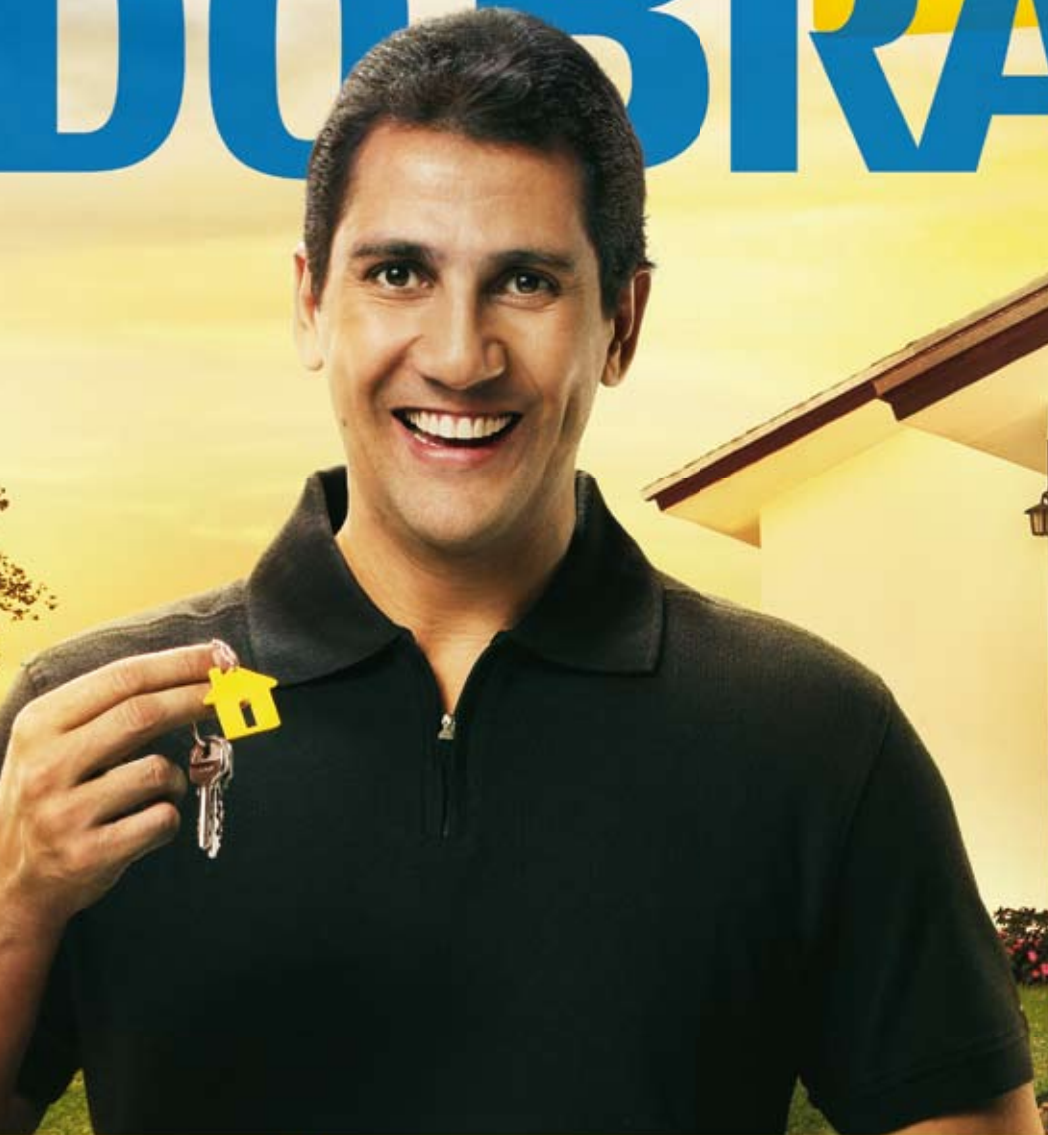


Todo
seu

Sonhar com a casa própria é do Brasil. O banco que dá crédito para você comprar a sua, também.

No Banco do Brasil, você financia até 90% do seu imóvel e tem até 30 anos para pagar. Pode ainda escolher um mês do ano para pular a parcela. Nunca foi tão seguro ter uma casa toda sua. **Banco do Brasil. Faz diferença ter um banco que é do Brasil.**

DO BRASIL



MAURÍCIO DO BRASIL

Central de Atendimento BB – 4004 0001 ou 0800 729 0001 • SAC – 0800 729 0722
Ouvidoria BB – 0800 729 5678 • Deficiente Auditivo ou de Fala – 0800 729 0088 ou acesse bb.com.br

UNIVERSIDADE **pública**

Revista de valorização e promoção da produção científica, tecnológica e cultural da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor
Henry Campos

Reitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7311
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319

Assessor de Comunicação Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7330
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Revista Universidade Pública
Av. da Universidade, 2910
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com

Editora
Ana Rita Fonteles
CE01169JP
Reportagens
Ana Rita Fonteles
CE01169JP
Gustavo Colares
CE 01861JP
Simone Faustino
CE 02133JP
Cristiane Pimentel
CE 01863JP
Hébely Rebouças
CE 2180JP

Fotos
Júnior Panela
CE00100RF
Estagiários de Fotografia da UP
Chico Célio
Davi Pinheiro
Direção de Arte
Diego Normandi
Revisão

Maria das Dores de Oliveira
Filgueiras
Estagiária de Publicidade
Rayana Vasconcelos
Tiragem
5.000 exemplares
Periodicidade
Bimestral
CTP e impressão
Expressão Gráfica

Os caminhos do empreendedorismo

Transformar conhecimento em negócios. Esse é o desafio ainda colocado para muitos dos que passam pelos bancos universitários no País. As dificuldades são de toda ordem, desde questões como a conhecida burocracia para a criação de empresas, a dificuldade em conseguir crédito, o custo alto de impostos e obrigações sociais que podem representar verdadeiros desmotivadores para o surgimento de pequenas e médias empresas. Mas há, ainda, um fator preponderante e pouco abordado em todo esse processo: a ausência ou debilidade de uma educação voltada para o empreendedorismo nas universidades.

O assunto motivou nossa reportagem especial. Fomos em busca de entender como a cultura empreendedora é incentivada na UFC e em outras universidades públicas, seja em sala de aula ou em programas de pesquisa e extensão. Conversamos com participantes de empresas-júnior e com profissionais já formados que decidiram colocar a mão na massa e bancar seus próprios negócios, a partir do desenvolvimento de produtos ou ideias inovadores surgidos na trajetória universitária. Afinal, como esse tipo de atividade econômica pode fazer a diferença no desenvolvimento brasileiro? O texto é fruto de trabalho conjunto das repórteres Hébelly Rebouças, Simone Faustino e Cristiane Pimentel.

Outra reportagem aborda a corrida rumo à universidade por parte de novos doutores que aproveitam a onda dos concursos públicos gerados pela expansão do Ensino Superior público federal em todo o País. Eles querem se tornar professores universitários e você vai conhecer histórias de quem já chegou lá e de quem ainda está na batalha para ingressar na carreira acadêmica.

Na seção sobre projetos de extensão, conheceremos o importante e diferenciado trabalho dos grupos e escritórios-modelo que vêm atuando no campo da assessoria jurídica popular, levando informação, educação e assistência jurídica a quem, em geral, está excluído de direitos fundamentais.

Uma reportagem faz, ainda, o balanço do II Festival UFC de Cultura, que aconteceu em novembro e movimentou os campi do Benfica e do Pici, com palestras, lançamentos de livros, exposições, mostras de cinema e cultura popular, além de shows com artistas locais e nacionais. A entrevista dessa edição é com o sociólogo Emir Sader, conferencista do Festival. Ele fala sobre política na América Latina, Governo Lula e sobre a produção de teoria social em nosso continente.

Esta é a última edição de 2009. Aproveitamos para agradecer a confiança e apoio dispensados por nossos leitores, companheiros de nove anos de trabalho. Desejamos manter essa parceria. Que 2010 seja um ano próspero em debates, bons projetos e avanços para a produção científica e acadêmica da Universidade Federal do Ceará. Feliz Natal e um excelente ano novo!

Ana Rita Fonteles
EDITORA UP



NOSSA CAPA

Ilustração de
Diego Normandi



18 CAPA

Empreendedorismo na universidade

Disciplinas e projetos incentivam empreendedorismo nas universidades públicas do Estado. Quais os caminhos para transformar boas ideias em negócios? Especialistas defendem que educação empreendedora deve se expandir no Ensino Superior

7 ENTREVISTA EMIR SADER

O cientista político Emir Sader fala sobre os governos de esquerda na América Latina e defende teoria comprometida com transformações sociais



12



VÁ DE ÔNIBUS

O diagnóstico de especialistas para os problemas do trânsito nas grandes cidades brasileiras

24



BODAS DE AMOR À MÚSICA

Os 50 anos de atividades do Coral da Universidade Federal do Ceará

26



DIREITOS NO COTIDIANO

Os projetos de extensão da Faculdade de Direito da UFC que levam educação e assessoria jurídica a pessoas de baixa renda

30



PROFISSÃO: PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

A saga de recém-doutores em busca de uma vaga em concursos de universidades públicas

ENTREVISTA

por Ana Rita Fonteles

Em busca da crítica

O pensamento crítico nas Ciências Sociais precisa reencontrar-se com a realidade nos países latino-americanos. A provocação é do sociólogo, cientista político e secretário-geral do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso) e um dos fundadores do Fórum Social Mundial, Emir Sader. Segundo sua denúncia, a teoria produzida, hoje, na maior parte dos países do continente, incluindo o Brasil, está afastada dos problemas e processos sociais que ocorrem nesses países, em especial a virada antineoliberal representada por governos de apelo popular como os de Evo Morales, na Bolívia, Hugo Chávez, na Venezuela, e de Lula no Brasil.

Fundador do Partido dos Trabalhadores, no Brasil, ele defende as políticas sociais e econômicas do governo do ex-sindicalista, a quem caracteriza como liderança "popular" e não "populista". Sader afirma, ainda, que não reconhecer os avanços no combate às desigualdades sociais no País, nos últimos anos, é coisa de quem foi cooptado pelo liberalismo ou optou pela ultraesquerda, preferindo a teoria ao invés da realidade. "Olham a teoria muito boa e muito coerente e olham a realidade, que é muito mais contraditória, e ficam com a teoria, abandonam a realidade". Nesse sentido, Sader defende a retomada de pesquisas sobre temas como o Estado, processos de acumulação do capital e alternativas ao neoliberalismo.

Segundo o sociólogo, a explicação para o fato de tantas lideranças de esquerda estarem conseguindo vencer eleições na América Latina se deve ao fato de que o continente foi o mais prejudicado pelas políticas de caráter antineoliberal, baseadas sobre o ajuste fiscal, a política do Estado mínimo e o desmantelamento das políticas sociais. Entender os processos políticos de esquerda na América Latina é sua mais atual preocupação e tema do livro *A nova toupeira – os caminhos da esquerda latino-americana* que ele lançou em Fortaleza, durante o II Festival UFC de Cultura, em novembro último. Confira algumas de suas ideias na entrevista a seguir.



Universidade Pública - Em seu mais recente livro *A nova toupeira - os caminhos da esquerda latino-americana, o senhor trata de uma América Latina que surpreende o mundo por mostrar uma resistência ao neoliberalismo, enquanto num momento muito recente funcionou como um verdadeiro laboratório para experiências neoliberais. Como entender essa virada?*

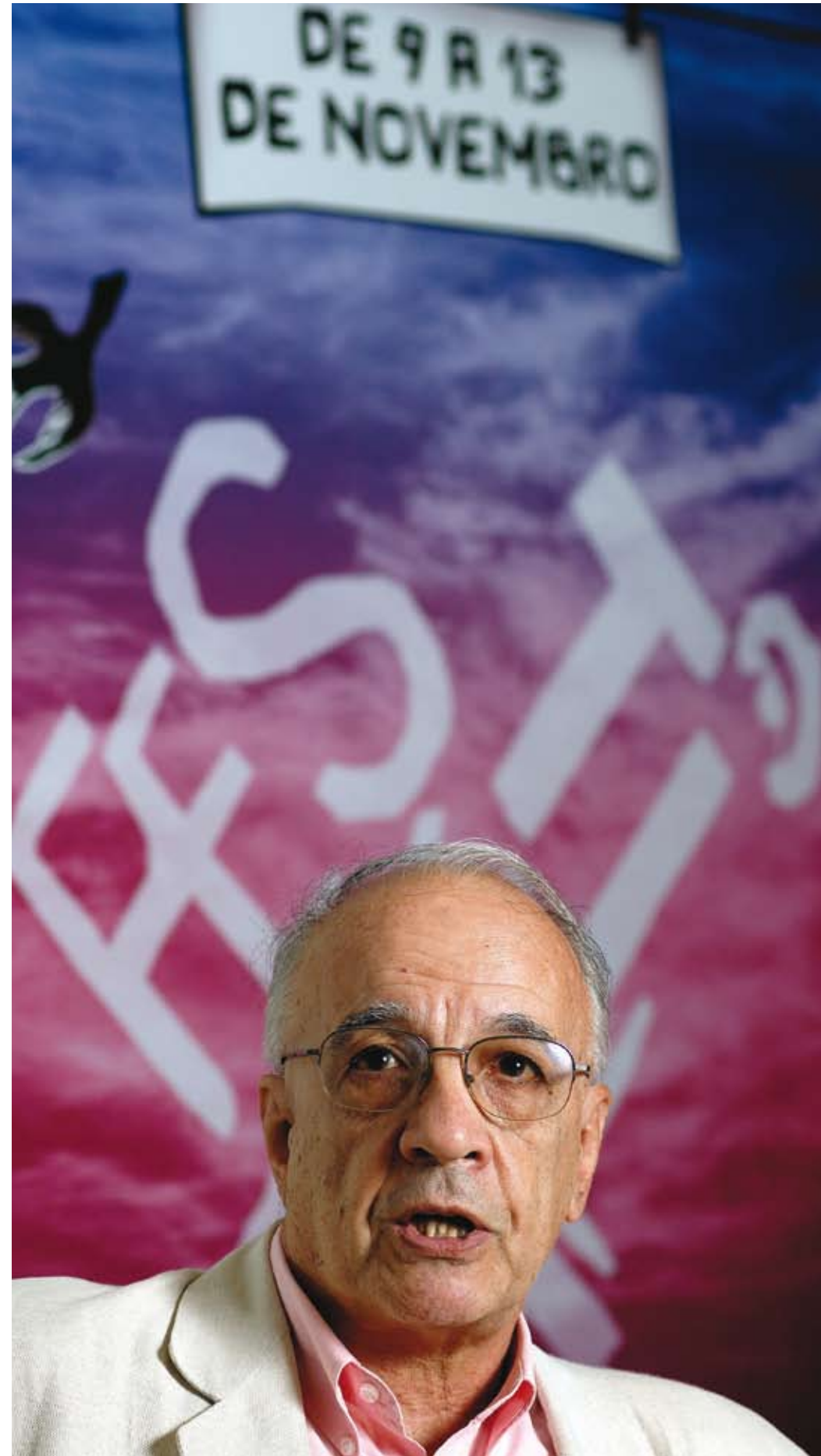
Emir Sader – Primeiro, é preciso entender porque ela foi um lugar de privilegiada hegemonia neoliberal. Era uma zona que tinha crescido muito. Alguns países tinham ganhado uma posição intermediária em escala mundial. Segundo, porque tinha tido projetos que mesmo desafiaram o capitalismo. Houve na América Latina ditaduras militares muito pesadas que quebraram resistências do campo popular, coisa que ajuda a entender porque um modelo tão antipopular conseguiu se estabelecer em países que tinham tido movimentos de massa, de esquerda, muito fortes como a Argentina, o Chile, o Uruguai e mesmo o Brasil. Depois, a crise da dívida em escala mundial também bloqueou a capacidade de crescimento desses países. O crescimento se deu com base em endividamentos externos. Passou-se ao que se chama de décadas perdidas. A América Latina baixou seu perfil em escala mundial, foi vítima privilegiada do Fundo Monetário Internacional que favoreceu todas as teses típicas do neoliberalismo: estado mínimo, ajuste fiscal, abandono de projetos de desenvolvimento, diminuição de políticas sociais. Esse projeto teve duração relativamente efêmera. Em primeiro lugar, porque não cria bases sociais de apoio, sendo projeto que desregulamentou a economia e favoreceu não o investimento produtivo, mas o especulativo. O capital não é feito para crescer, mas para ganhar. O que aconteceu em nosso caso particular é que o capital financeiro passou a ser o capital hegemônico. Ele não cria bases de apoio porque não gera bens, não gera emprego, não incentiva o mercado interno de

consumo, não incentiva crescimento da mão-de-obra. Vive da compra e venda de papéis, é um capital parasitário. Depois da legitimidade inicial de controle da inflação, os governos todos perderam o impulso e, além do mais, vieram as crises econômicas que mostraram que a hegemonia do capital financeiro deixa os países fragilizados diante dos ataques especulativos – crise do México, em 1994, do Brasil, em 1999. É preciso lembrar que o Fernando Henrique (Cardoso) quebrou a economia três vezes. Depois a crise da Argentina em 2001 e 2002. Começou um processo de eleições, uma resultante da ressaca do neoliberalismo. Fomos os que mais tivemos problemas com governos neoliberais, somos os que mais tivemos governos progressistas e anti-neoliberais com resistência e reação ao que tinha sido a década de 90.

UP – O senhor percebe algo que unifique esses governos ditos de esquerda, hoje, na América Latina?

ES – Embora tenham matizes diferentes, Venezuela, Equador, Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai, El Salvador têm em comum duas coisas: primeiro, o privilégio de ter projetos de integração regional. No neoliberalismo se privilegiavam acordos de livre comércio com os Estados Unidos. Segundo lugar, o privilégio das políticas sociais, já que no neoliberalismo o privilégio é o ajuste fiscal. Alguns projetos de integração são mais avançados, outros mais moderados, da mesma maneira algumas políticas sociais são mais avançadas e outras mais moderadas, mas o que dá legitimidade interna são as políticas sociais. Discursos ajudam a consolidar o apoio. Na verdade, quando as políticas sociais funcionam conseguem até derrotar a ditadura privada da mídia nos países em que governos progressistas avançam.

UP – Há uma série de críticas com relação a esses governos dizendo, por exemplo, que eles se assentariam sobre lideranças carismáticas, populis-



tas, e que talvez essas políticas não se sustentassem após a passagem dessas lideranças. Diz-se muito isso a respeito de Hugo Chávez, Evo Morales e do próprio Lula. O que o senhor pensa dessas críticas?

ES – A direita não precisa de lideranças populares. Ela pode substituir um candidato por outro e dizer praticamente a mesma coisa. Ela tem estruturas de poder construídas ao longo dos séculos que dão garantias de sustentação. Quem quer mudar tem necessidade de lideranças populares que catalisem o descontentamento popular. Durante um tempo elas não são substituíveis. Mas isso é transitório. É uma necessidade, mas não é perene. No Uruguai estamos à véspera da substituição do presidente Tabaré Vasquez por (José) Mujica. No Brasil, há excelentes condições da Dilma (Roussef) ser eleita depois do Lula. É preciso entender que (o termo) “populismo” desqualifica toda a política social. Populismo foi ter financiado o consumo das classes médias e de setores da burguesia com base na estabilidade monetária sem crescimento e desenvolvimento econômico. Fernando Henrique dizia que o Estado brasileiro gastava muito e gastava mal. Quando ele entregou o governo para o Lula, o Es-

"A direita tem inveja de quem tem um discurso popular. O Caetano (Veloso) acabou de falar essa besteira de que o Lula é analfabeto. Analfabeto para a classe média branca, cuja linguagem não é a do povo brasileiro"

tado devia 11 vezes mais que antes. Ele fez a “mágica” de acabar com a inflação e aumentar a dívida pública. Isso é populismo, promover consumo sem desenvolvimento econômico, endividando o Estado. Quanto à liderança popular é porque a direita tem inveja de quem tem um discurso popular. O Caetano (Veloso) acabou de falar essa besteira de que o Lula é analfabeto. Analfabeto para a classe média branca, cuja linguagem não é a do povo brasileiro.

UP – O senhor apontaria, dentre esses governos que desenvolveram modelos próprios de atuação nacional, algum mais interessante ou que venha dando melhores respostas às demandas populares?

ES – O processo mais radical de transformação é aquele que se dá na Bolívia, com a refundação do Estado, baseada na autonomia dos povos indígenas. E destacaria algumas políticas que são importantes. Depois de Cuba, mais recentemente a Venezuela e, agora há pouco, Bolívia e o Equador acabaram com o analfabetismo. Não são os países mais ricos nem os que têm os melhores métodos – não foi questão de qualidade, mas de prioridade e de solidariedade porque os alfabetizadores tiveram um papel importante em tudo isso. Na Bolívia e nos países mais pobres há toda a complexidade cultural, étnica. Segundo, as primeiras gerações de médicos pobres da América Latina não são formados nas nossas universidades públicas que têm excelentes cursos de Medicina. São formados na Escola Latino-Americana de Medicina, em Cuba, e mais recentemente na Venezuela. São formados na base da solidariedade. Cuba passa por dificuldades, mas não diminui vagas para estudantes estrangeiros, nenhuma vaga de educação e em hospitais públicos. Aqui o Colégio Médico do Brasil tenta impedir que eles exerçam a Medicina. Eles vêm da melhor Medicina Social do mundo, mas os currículos não são exatamente iguais aos daqui. Querem qualificá-los de charlatães. As políticas de cotas funcionam, mas funcionam

menos nos cursos de Medicina porque o aluno tem que estudar seis anos inteiros comprando livros caros. Essas vagas são monopolizadas por gente que se preparou muito no seu Ensino Médio, com muito dinheiro para se qualificar, que termina os melhores cursos de Medicina do Brasil, sem nenhuma contrapartida social. Vão abrir consultório para atender clientela rica. Terceiro, a Operação Milagre é uma operação através da qual se restitui a visão plena a uma massa importante de gente pobre. Isso vem sendo feito em vários países da América Latina. Dezenas de milhares de brasileiros já se operaram em hospitais bolivianos. Há médicos cubanos operando nesses hospitais. São coisas desse tipo. O direito à leitura, o direito à formação de médicos para a política de saúde pública, o direito de enxergar, são coisas elementares que o neoliberalismo expropria das pessoas. Democratizar a América Latina é desmercantilizar, é tirar algo da esfera do mercado e colocar na esfera do Direito, na esfera pública.

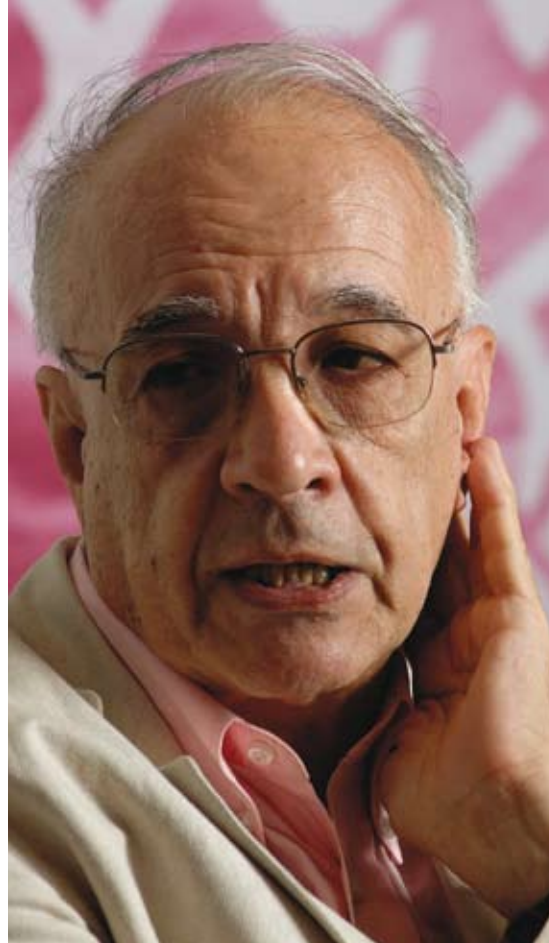
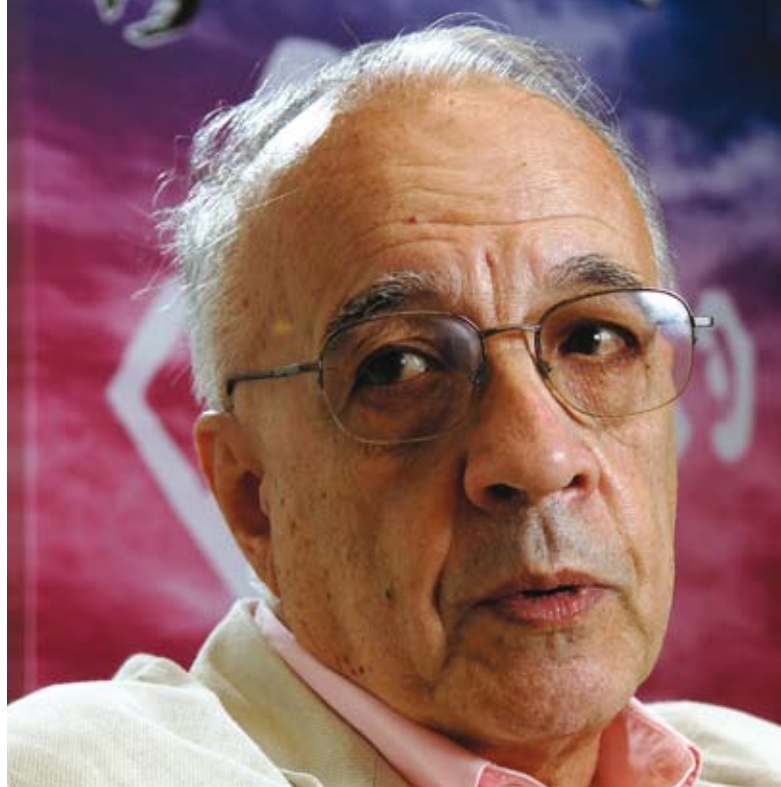
UP – Lembra-se os 20 anos da queda do Muro de Berlim que marcaria o fim da esquerda e do socialismo. Paralelo a isso, a gente vê esses processos acontecendo na América Latina. Essas lideranças falam de revolução por outras vias. Afinal de contas, qual a maior contribuição desses processos para a esquerda no mundo?

ES – Foi uma derrota muito grande para o socialismo. Desde 1917 o socialismo aparecia na agenda mundial. Desapareceu o campo socialista, a China enveredou pela economia de mercado. O que vemos hoje é o capitalismo mostrando seus limites, suas vísceras, mas os fatores de construção do socialismo também tiveram retrocesso – desqualificação do socialismo, do Estado, do planejamento econômico, de soluções coletivas, da política, dos movimentos sociais. Vamos passar por um período longo até que se consiga construir novas formas que possam dirigir um processo de superação do capitalismo. Na América Latina,

a gente vive mais lutas antineoliberais. Algumas delas tem dinâmicas anticapitalistas porque vão contra a dinâmica de mercado. Outras vão contra a mercantilização. São antineoliberais. Não necessariamente socialistas. No desenrolar desse processo se poderá saber se elas vão assumir uma dinâmica anticapitalista. É um significado profundo, dadas as condições de um período histórico de retrocessos. Houve não só o fim da bipolaridade mundial e a passagem à hegemonia imperial americana, o fim de um ciclo longo e expansivo do capitalismo mundial (dos anos 40 aos anos 70), passamos a ciclo longo recessivo. Passagem de um modelo de bem-estar social, regulador, para um modelo desregulador, de mercado, neoliberal. São três fatores muito regressivos que inauguraram o período atual. Por isso, a América Latina é muito avançada, porque o mundo é muito conservador hoje. Os cinco presidentes que apareceram no último Fórum Social Mundial são latino-americanos. É o tipo de transformação possível hoje. Já houve processos de reformas tradicionais na América Latina, a luta armada, hoje, não é

"Uma parte dos intelectuais foi cooptada pelo liberalismo (...). Outros ficam presos aos muros da universidade, na divisão técnica do trabalho (...) que produz um conhecimento interessante, mas que não aborda os grandes temas de transformação"

possível. A correlação de forças levaria a um massacre. Os movimentos mais avançados são aqueles que combinam sublevação popular como na própria Bolívia e no Equador, contra a privatização da água. É um movimento de refundação do Estado. Esses são os processos revolucionários possíveis hoje.



UP – O Governo Lula é apontado como não sendo de esquerda. O que o senhor pensa?

ES – Ser de esquerda é ser antineoliberal. Tudo que o governo mudou em relação ao Governo Fernando Henrique foi progressista. Política externa privilegiando a integração regional. Isso é claramente ser de esquerda. As políticas sociais, claramente pela primeira vez diminuíram o nível de desigualdade no Brasil. Isso é popular, democrático. Em terceiro lugar, recolocou-se o tema do desenvolvimento que tinha sido abolido. Junto a isso, o papel do Estado passou a ser indutor do crescimento econômico e não de Estado mínimo. São elementos progressistas, claramente antineoliberais. Ser de esquerda é ser antineoliberal. Não basta ter um discurso mais radical e mais socialista. Além do mais, opõe-se ao campo da direita. A esquerda, às vezes, se equivoca, mas a direita como defende in-

teresses se equivoca menos. Se não fosse um governo que perturbasse os interesses, porque ele seria tão unanimemente atacado pela imprensa e tão brutalmente atacado pela direita? Se fosse o que os setores de esquerda dizem que ele é, seria um governo muito apoiado pela direita.

UP – O senhor secretário o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso) e prega um pensamento crítico voltado para as demandas concretas dessa nova realidade na América Latina. Quando o senhor faz essa cobrança, parte da observação de que a produção das Ciências Sociais está desvinculada da realidade desses países?

ES – Historicamente, a teoria do pensamento crítico foi mais avançada que os processos concretos, apontou para horizontes novos. Hoje em dia, ela está descompassada em relação aos processos.

UP – O que se perdeu, professor?

ES – Uma parte dos intelectuais foram cooptados pelo liberalismo, convivem com o capitalismo sem muitos problemas, abandonaram a ideia de superação das estruturas fundamentais de dominação, exploração, discriminação e acham que só dá para democratizá-las. Outros ficam presos aos muros da universidade, na divisão técnica do trabalho, especializada, que produz um conhecimento interessante, mas que não aborda os grandes temas de transformação.

UP – Quais seriam, hoje, esses grandes temas?

ES – O Estado ficou abandonado. O Estado que temos e o que precisamos, os grandes processos de acumulação do capital, modelos alternativos ao neoliberalismo. Outra parte dos intelectuais aderiram à ultradesquerda. O que quer dizer isso? Olham a teoria muito boa e muito coerente e olham a realidade, que é muito mais contraditória, e ficam com a teoria e abandonam a realidade. Às vezes, dizem coisas que brigam com a realidade, tais como: o governo Lula não mudou nada, é igual ou até pior que o governo Fernando Henrique Cardoso. Isso demonstra o grau de isolamento dessa intelectualidade à situação e problemas reais do povo brasileiro. Acabam ficando com uma visão teórica intelectualista que não dá conta da realidade. Não é a situação da totalidade da intelectualidade, mas certamente não é o caso do processo boliviano. O vice-presidente da Bolívia, Álvaro García Mineira, é o mais importante intelectual da América Latina. Intelectual e militante político. O grupo vinculado a ele, chamado Comuna, sempre teve um pé dentro e outro fora da universidade. Sobre tudo os países que tradicionalmente tiveram a teoria mais importante na América Latina – México, Brasil, Argentina – têm contribuição muito maior do que estão fazendo hoje. 🗣️

VÁ DE ÔNIBUS!

Diante do caos em que se transformou o trânsito cearense, especialistas afirmam que, mais que melhorar o planejamento urbano, o poder público deve incentivar o uso do transporte coletivo e inibir a circulação de carros particulares

por Hébely Rebouças

Suaves parcelas de R\$ 290. Financiamento em até seis anos. Propaganda massiva, incentivo fiscal e... Pronto! Você já está comprando um carro. No Brasil do transporte público deficitário e da violência urbana, ter veículo próprio virou necessidade. E, principalmente, um problema. Quando o espaço fica pequeno para tanto automóvel e os ônibus, topics, ciclistas e pedestres perdem lugar na cidade, é hora de refletir sobre o que fazer para melhorar o trânsito.

Quinta maior capital do País, Fortaleza sofre hoje as consequências do crescimento desordenado do número de veículos particulares. Segundo dados do Departamento Estadual de Trânsito do Ceará (Detran-CE), há 627 mil carros em circulação na cidade. Nos últimos 10 anos, a frota quase dobrou. O resultado está nas ruas, todos os dias, e nos horários mais inusitados: para onde quer que se vá, há sempre um congestionamento para atrapalhar a rotina.

Ao contrário do que se costuma pensar, entretanto, quem mais sofre com o inchaço do setor automobilístico não é quem está dentro do automóvel, esperando a fila andar. Afinal, a quantidade de motoristas de Fortaleza corresponde a apenas 20% da população. Os mais atingidos são, na verdade, os cerca de 1,1 milhões de passageiros que dependem do transporte coletivo. Isso porque, conforme explicou Prof. Felipe Loureiro, do Departamento de Engenharia de Transportes (DET) da UFC, a pequena parcela da cidade que possui carro é responsável pela ocupação de, em média, 80% das vias da cidade.

“Essa percepção a sociedade não tem. Quando se conversa nas ruas, nos grupos sociais, a reclamação corrente é que, hoje, demoramos mais tempo para chegar onde desejamos. Cobra-se, portanto, mais espaço de circulação para os carros, sem perceber que, com isso, os passageiros de ônibus e topics serão cada vez mais prejudicados”, salientou.

O desequilíbrio já foi percebido pelo poder público, mas, pelo andar da carruagem, a tendência é que a situação piore. Em 2009, por exemplo,

o Governo Federal decidiu reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos automóveis, como forma de impulsionar a economia e afugentar a crise financeira. Resultado: um boom de novos carros em todo o Ceará.

Já os investimentos em infraestrutura não acompanharam a velocidade das vendas na indústria automobilística. Tampouco o Executivo conseguiu acabar com a ilusão de que, com um carro, a população ganha mais liberdade. “Pura ilusão. Quanto mais veículos, mais problemas”, ressaltou a Profª Gislene Macêdo, do curso de Psicologia da UFC em Sobral, coordenadora de vários projetos na área de educação do trânsito.

Incentivo

Eis o grande “xis” da questão. Segundo a maioria dos especialistas com quem UP conversou, antes da falta de planejamento urbano e das deficiências do transporte coletivo – problemas que o senso comum costuma apontar como preponderantes –, o principal responsável pelo caos do trânsito é a forte cultura de valo-

rização do automóvel particular.

A lógica é simples: mesmo que se construam novas vias, túneis e viadutos, a quantidade de carros tende a ser cada vez maior, já que prefeituras e governos não apenas deixam de inibir a compra desses bens, quanto estimulam o comércio automobilístico. Além disso, quanto mais perfeitas e bem conservadas são as ruas, mais atrativas elas se tornam aos motoristas, que passam a ter menos motivos para deixar o carro em casa.

Assim, não importa o quanto se incremente uma via: com o passar do tempo, o problema sempre haverá de voltar. “Bom exemplo disso é a Avenida Washington Soares (em Fortaleza). Larga e fluida, ela tornou-se um pólo interessante para o comércio e novas residências. Se eu gerei acessibilidade para a região, automaticamente atraí mais pessoas e mais carros. Por isso, hoje, dependendo do horário, aquela é uma das avenidas mais congestionadas da cidade”, explicou o Prof. Felipe.

Por outro lado, sem um ambiente de circulação próprio, ônibus e topics disputam desigualmente o espaço público com os veículos particulares. O mais grave é que “nosso sistema viário vem sendo projetado para aumentar a fluidez dos carros, o que significa priorizar apenas um tipo de usuário. A democratização do espaço urbano não está ocorrendo”, ressaltou o Prof. Flávio Cunto, também do DET da UFC.

Considerada a principal promessa para o trânsito da Capital, o Programa de Transporte Urbano de Fortaleza (Transfor), executado por meio da Prefeitura, apresenta um pacote de obras que, na visão dos especialis-

tas pode amenizar, em curto prazo, alguns dos problemas de trânsito da cidade. A construção de corredores exclusivos para a circulação de ônibus é um exemplo.

Entretanto, a principal saída, segundo eles, é inverter radicalmente a lógica corrente hoje na sociedade: “precisamos diminuir a vontade das pessoas de saírem de carro e aumentar a vontade de andar de ônibus. Assim, priorizamos o tempo de deslocamento das pessoas, não dos veículos”, afirmou Flávio.

Como mudar mentalidades?

O desafio não é simples, tampouco interessante para os grandes grupos econômicos. No país em que a corrida pelo crescimento torna-se cada vez mais importante, como e por que conscientizar as pessoas a deixarem o carro em casa? A primeira resposta está na boca do povo: melhorar o transporte público.

A empregada doméstica Vanda Moreira, 38 anos, é apenas uma das milhares de pessoas que, todos os dias, se deslocam do bairro Conjunto Ceará para o Terminal do Papicu, rumo ao local de trabalho. Por volta das sete horas, horário em que ela sai de casa, o percurso é feito em nada menos que uma hora e meia. Isso sem contar com o tempo de deslocamento de sua residência até o ponto de ônibus mais próximo, além do tempo de espera pelo coletivo. “Quando eu entro no ônibus, já tá lotado. É uma sorte quando eu fico em pé perto de alguém que desce logo”, relatou a mulher.

Ônibus mais confortáveis e ágeis podem ser um atrativo para quem ainda prefere sair de carro, com aparente segurança e comodidade. Mais uma vez, entretanto, a suposta solução esbarraria no problema do tráfego intenso dos automóveis. “Os órgãos públicos não conseguem programar o serviço com uma boa regularidade porque as condições de tráfego são ruins. É por isso que o ônibus demora a chegar e ainda chega lotado”, expli-

cou o Prof. Felipe Loureiro.

Outro agravante é o individualismo dos cidadãos, que, conforme explica o especialista, não abdicarão do direito de sair no próprio veículo nem que o “melhor metrô do mundo” seja instalado em Fortaleza, conforme ele acredita. A única forma, segundo o Prof. Felipe, de incentivar o uso do transporte coletivo é onerar o particular. Para isso, medidas como cobrança de pedágio, rodízio e aumento do preço do combustível apresentam-se como opções para desestimular o uso abusivo de carros.

Planejar é preciso

Medidas paliativas também são bem-vindas, embora, de acordo com os especialistas, seus efeitos restrinjam-se ao curto e médio prazo. Mas para além de resolver gargalos a partir de viadutos e novos semáforos, por exemplo, a proposta dos pesquisadores é que haja maior integração entre os órgãos fiscalizadores da Lei de Uso e Ocupação do Solo (no caso de Fortaleza, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente) e os responsáveis pela coordenação do trânsito (Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza – Etufor – e Autarquia Municipal de Trânsito, Serviços Públicos e Cidadania – AMC).

Conforme explicou o Prof. Antônio Paulo Cavalcante, do DET da UFC, os dois setores não trabalham de maneira integrada, o que vai na contramão de qualquer expectativa de melhoria dos problemas do trânsito. Ele explicou que os chamados “pólos geradores de viagem” (PGV) – equipamentos de importância para a cidade, que atraem a população, como shoppings, hospitais e universidades – não param de ser construídos, com autorização dos próprios órgãos da Prefeitura, em locais que não suportam mais um grande fluxo de trânsito.

“Quando se planeja uma área residencial, preocupa-se com a capacida-

de de fornecimento de água, de energia... Mas não se pensa na capacidade do trânsito. Tem regiões em que, atualmente, é preciso dizer: ‘aqui não se constroem mais PGVs’. Isso é interligar o sistema de transporte com o uso do solo. Infelizmente, ainda não chegamos a esse patamar de planejamento”, complementou o Prof. Felipe.

Para os dois, Fortaleza só começará a resolver, de fato, seus problemas de tráfego quando sentarem-se, na mesma mesa, Semam, Etufor, AMC e Universidade – um “casamento” de esferas rumo à integração do planejamento da cidade. “Abertura de vias, alteração do sentido das ruas... Isso só é possível em algumas regiões, e nem resolvem o problema, de fato. Precisamos de soluções que se sustentem”, sugeriu o Prof. Antônio.

Educação no trânsito

O que já é caótico por natureza torna-se ainda mais insustentável quando, de repente, um motorista forma fila dupla no meio da avenida. Ou, logo depois, um carro fecha o cruzamento e, mais adiante, estaciona em local proibido. Embora esteja longe de ser a origem do problema, a falta de educação no trânsito agrava a situação. E, mais uma vez, pouco se investe em ações que revertam o mal.

A UFC, entretanto, tem feito sua parte. No curso de Psicologia de Sobral, uma série de atividades junto à população tem sido implementadas por meio do Laboratório de Identidade, Cultura e Subjetividade (Lai-cus) e das disciplinas de Psicologia Social do Ambiente, Psicologia Social, Trânsito, Mobilidade Humana e Subjetividade e Psicologia Política e Movimentos Sociais.

“Quando se fala em educação no trânsito, costuma-se pensar que basta ser gentil. Como se gentileza fosse resolver o problema. Nossa proposta é fazer as pessoas analisarem, refletirem, problematizarem essas questões. Tentamos saber qual a percepção delas em relação ao problema.



Prof. Gislene Macêdo, do curso de Psicologia de Sobral: desentendimentos no trânsito ocorrem por confusão entre interesses públicos e privados

Nas discussões, repensamos o que é certo e errado”, explicou a Prof^a Gislene Macêdo, coordenadora de vários projetos na área.

Conforme explicou a pesquisadora, os principais conflitos entre os usuários de trânsito – pedestres, ciclistas, passageiros e motoristas – dão-se, principalmente, por causa da confusão entre o que é público e o que é privado. “Você delimita um espaço de deslocamento e toma como seu. Os interesses no trânsito são da ordem do interesse particular. Não se pensa no interesse do outro, embora todo motorista às vezes seja pedestre e vice-versa”, diagnosticou.

Com base nessas constatações, o curso de Psicologia tem se integrado à sociedade, principalmente a entidades como a Coordenadoria de Trânsito e Transporte Urbano (CTTU) da Prefeitura, a Escola de Saúde da Família e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). “Os setores públicos de Sobral não têm sequer informações precisas sobre a quantidade de acidentes de trânsito”, lamentou a Prof^a Gislene.

Ao invés de investirem em ações normativas e ditarem o que se deve ou não fazer no trânsito, o grupo aposta no debate como fator de conscientização. Na Semana Nacional do Trânsito, por exemplo, ocorrida em setembro deste ano, os participantes realizaram mesas-redondas, esquetes e manifestações nas ruas de Sobral. “Acreditamos plenamente na educação do trânsito. Desenvolver valores como respeito, tolerância, solidariedade e ética pública é uma tarefa eficaz em qualquer época da vida”, finalizou.

EDUCAÇÃO NO TRÂNSITO

Conheça alguns projetos desenvolvidos pelo curso de Psicologia da UFC em Sobral:

1. Projeto de pesquisa e extensão A Estrada de Quem Vê Passar (UFC/Sobral/Psicologia/Lai-cus): documentário etnográfico e pesquisa sobre mobilidade humana e subjetividade na cidade de Sobral e cercanias;
2. Ações intersetoriais na Semana Nacional de Trânsito 2009 envolvendo UFC/Sobral/Psicologia, Samu, Escola de Saúde da Família e CTTU: mesa-redonda e ação de rua (esquetes nas faixas de pedestre e painel de trânsito);
3. Pesquisa de Percepção de Risco no Trânsito de Sobral: pesquisa a ser realizada em 2010 em parceria intersetorial entre UFC/Psicologia, Samu, Escola de Saúde da Família, CTTU e Santa Casa de Misericórdia;
4. Disciplinas relacionadas: Psicologia Social do Ambiente, Psicologia Social, Trânsito, Mobilidade Humana e Subjetividade e Psicologia Política e Movimentos Sociais.

Nós invisíveis

Em livro, pesquisadores dão visibilidade aos desafios da formação de professores do Ensino Básico para a diversidade sexual

Educar não é um trabalho fácil. Como nós emaranhados em um denso novelo, o percurso do ofício educativo se torna ainda mais complicado quando envolve conflitos. E a responsabilidade aumenta se esses pontos de “transgressão” forem gerados por práticas homofóbicas, em um ambiente que, em tese, seria de desenvolvimento do caráter. A escola, como local de sociabilidade e aprendizagem, está sujeita à vivência de preconceitos e tabus, os mesmos que estão presentes na sociedade de forma geral.

Para a organização não-governamental Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), que atua intensamente no movimento LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) no Ceará, o educador tem papel preponderante no processo de formação do indivíduo, e que é na escola que tais comportamentos devem ser superados. Pesquisadores ligados à instituição lançaram o livro “Desatando nós: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual”, fruto de um projeto de formação docente para a discussão da sexualidade e a diversidade.

A publicação fez parte do projeto “Gênero e diversidade sexual: formação docente continuada”, realizado no GRAB entre 2007 e 2008. A iniciativa visava ao combate e ao enfrentamento de preconceito, homofobia e sexismo no ambiente escolar. “Nesses dois anos realizamos a formação em três centros: Fortaleza, envolvendo escolas estaduais e municipais; Maracanaú, contando com escolas de lá e de Maranguape, Pacatuba e Guaiúba e, no Sertão de Crateús, envolvendo professores de Crateús, Independência, Nova Russas e Ipaporanga”, enumera Adriano

Caetano, mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e um dos organizadores da obra.

Grande parte do livro foi composto por textos oriundos da dissertação de mestrado do segundo organizador, Alexandre Joca, doutorando em Educação pela UFC e coordenador de projetos do GRAB. “Em cada edição dos projetos, estamos inserindo uma publicação. Entendemos que é um instrumento de formação também para os professores que participaram. No lançamento, eles receberam o certificado e um exemplar do livro”, explica o pesquisador.

Alexandre contou com a orientação da Prof^a Celecina Veras Sales, do curso de Economia Doméstica da UFC e destaque na pesquisa sobre gênero. “O projeto foi fundamental para avaliar a necessidade e a vontade de saber sobre sexualidade de um grupo de professores. Para participar da formação, é preciso enfrentar seus conceitos e preconceitos mas, ao iniciar, a formação essas questões se diluem. A avaliação dos professores foi bastante afirmativa”, conta a Prof^a Celecina.

O terceiro autor, Luis Palhano Loiola, não esteve presente ao lançamento da obra. Assassinado pelo próprio irmão, em maio de 2008, vítima de homofobia no município de Crateús, Luis já possuía vasta contribuição ao diálogo entre a Universidade e o movimento LGBTT. “Ele foi um dos precursores no campo acadêmico da discussão da diversidade sexual no espaço escolar. Ainda hoje temos poucos trabalhos que se voltam para a temática”, lembra Alexandre Joca.

Desafios da práxis

Para participarem, as escolas precisavam ter algum caso de homofobia já comunicado à Secretaria de Educação do seu município ou uma direção sensível ao assunto. O treinamento, que formou sete turmas, incluiu metodologias de protagonismo, empoderamento e diálogo. Mas isso não tornou a formação simples. “O difícil de discutir essa temática, é que não existe uma cartilha de como agir. E os professores sempre perguntavam: “como eu vou aplicar isso na minha escola?”. Falamos que a ideia era repetir aquela experiência com os alunos”, relata Adriano Caetano.

Uma observação dos professores capacitados é que os alunos de orientação sexual homoerótica são um problema na escola. Assim, surgem situações de antagonismo. “Tem o aluno gay, embora não assumido. Ele fica lá, na dele, sofrendo, mas não atrapalha ninguém, tira notas boas. E há o outro aluno, que dá escândalo, é afeminado. Por que aquele aluno se afirma gay? Porque ele está dentro de um ambiente que o nega”, aponta Adriano.

O principal desafio do movimento, sem dúvida, é fazer com que o projeto contribua para a instituição de medidas efetivas de enfrentamento da homofobia no espaço escolar. “A formação que realizamos é apenas uma pequena contribuição que precisa ser ampliada e incorporada às políticas públicas de Educação”, defende Francisco Pedrosa, jornalista e presidente do GRAB.

A organização tem planos de lançar um outro livro, que está em fase de finalização e deve ser publicado ainda neste ano. “Temos tentado dar continuidade a essas questões, mesmo enfrentando diversos nós. Quem tem que formar professor é o Estado, não a gente. Essa responsabilidade tem que se transformar em compromisso, em todas as esferas”, ressalta Alexandre.



Adriano Caetano, mestrando em Sociologia da UFC: livro é instrumento de formação para os professores

Memória e justiça

Com relação ao crime que vitimou Luis Palhano, os companheiros de movimento e pesquisa não perdem a fé na punição do acusado. “Aguardamos que a Justiça agende o julgamento, em primeira instância, em Crateús. Também esperamos um julgamento à altura do crime bárbaro cometido, que tirou a vida de nosso companheiro, ativista, professor e defensor dos direitos humanos”, salienta Francisco Pedrosa.

O tratamento da homossexualidade como uma manifestação ilegítima, a ser reprimida, é refletido na quantidade de crimes contra homossexuais que recebem punição, digamos, “branda”. O assassinato da estudante de Enfermagem e travesti Stefany Pazziny, morta no bairro Conjunto Ceará, em agosto de 2007, foi condenado a apenas seis anos de prisão, pena prati-

camente equivalente à de crimes como falsidade ideológica. “Significa que nossa sociedade ainda compartilha com a intolerável homofobia. Por que a homossexualidade incomoda? Como podemos falar de direitos humanos se queremos negar o direito ao prazer, a paixão, ao amor a algumas pessoas? É legítimo e justificar o poder de vida e morte”, lamenta a Prof^a Celecina Veras.

A produção acadêmica e a atuação de Luis no movimento LGBTT eram a prova real de seus estudos teóricos. A interação, chamada por ele de “pedagogia transgressora”, era vista como uma perspectiva transformadora. “Ele detecta a necessidade desse encontro para mostrar que a educação pode ser diferenciada”, sintetiza Alexandre Joca, falando no presente do amigo e parceiro de pesquisa. Acreditam, ele e os demais, que a obra permanece, assim como a luta. ☐

EM PRE EN DA!



por Cristiane Pimentel
Hébely Rebouças
Simone Faustino

Espaço de formação e difusão do saber, a Universidade é local propício para exercer a prática profissional. Embora o empreendedorismo não seja sempre privilegiado em currículos e projetos, é possível acumular conhecimentos que farão a diferença na carreira

Você é autoconfiante? Possui espírito de liderança? É inovador e criativo? Ousadia e busca por realização são pontos fortes da sua personalidade? O leitor pode entender como um questionário de participação em reality shows corporativos da TV aberta, mas não é bem isso. São apenas os principais elementos para se tornar um indivíduo empreendedor. O panorama econômico do País, a oferta de capacitação e as facilidades atuais do processo de abertura de empresas favorecem quem quer dar o primeiro passo.

Pesquisa divulgada, em março deste ano, pelo Global Entrepreneurship Institute, organização americana de pesquisa em empreendedorismo, mostrou que o Brasil encontra-se na 13ª posição de um ranking mundial que pesquisou 43 países empreendedores. A partir de um indicador conhecido como “taxa de empreendedores em estágio inicial” (TEA), o País alcançou um índice de 12,02%. A colocação poderia ter sido ainda mais animadora, pois a amostra escolhida pela organização foi extremamente diversa. Confrontado com países membros do G-20 (países ricos e nações emergentes), o Brasil estaria em terceiro lugar.

Para alguns, as características listadas no início do texto já são suficientes para mudar a postura profissional frente ao mercado. Já para outros é preciso investir em formação. De acordo com o Prof. Fernando Sabóia, coordenador do Grupo de Estudos em Empreendedorismo e Inovação do Instituto de Cultura e Arte da UFC, nos países do Hemisfério Norte, a formação empreendedora é fator estratégico desde o pós-guerra, com conteúdo ministrado a partir do Ensino Fundamental. “Se você trabalha esses conteúdos em sintonia com a formação crítica e empreendedora do indivíduo, ele não terá inércia na hora da tomada de decisões e aprenderá a planejar melhor”, exemplifica.

Responsável por disciplinas sobre o tema ministradas em diversos cursos de graduação, Sabóia fez um levantamento junto à Pró-Reitoria de Graduação da UFC. De posse dos dados, veio a surpresa: há apenas 15 disciplinas distintas de empreendedorismo e inovação nos currículos da graduação e oito na pós-graduação, muitas concentradas na Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado (FEAAC). “São somente disciplinas isoladas, e não há um programa de educação empreendedora. O pior é que a grande maioria delas é opcional”, lamenta.

Opinião diferente tem o Prof. Hugo Acosta, do Departamento de Administração da UFC. Ele não vê a situação como uma lacuna nos projetos pedagógicos, mas como interdisciplinaridade. “O curso de Estilismo e Moda, por exemplo, ao invés de

abrir uma disciplina e ter que contratar um professor fora da sua área de excelência, oferta aos seus alunos vagas da disciplina de empreendedorismo FEAAC. Além do conhecimento específico, o aluno convive num outro ambiente que promove a troca”, justifica, listando ainda Comunicação Social, Psicologia e até Farmácia dentre os cursos parceiros.

Por outro lado, Fernando Sabóia vê como urgente o estabelecimento de um programa de educação empreendedora voltado para todos os cursos superiores, e não somente para aqueles ligados aos setores de comércio, indústria e serviços. “A universidade pública tem papel fundamental nesse processo. Ela está na ponta da formação técnico-científica e tem capacidade de fazer nascer projetos inovadores”. As instituições privadas, segundo Fernando, já despertaram para essa tendência. “Elas têm um foco mais forte nesse campo de empreendedorismo e inovação, mas temo que isso signifique um olhar um pouco oblíquo, tendendo a ver o conceito meramente voltado para o negócio”.

O senso comum costuma associar o empreendedorismo apenas à criação de novos negócios, mas o conceito vai além. O Diretor Técnico do Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas do Ceará (SEBRAE), Alci Porto, sintetiza o sentido do termo. “O empreendedor é desafiado a concretizar os sonhos, a pôr em prática seus ideais de vida. É alguém que aprendeu a exercer um papel mais importante do que ser dono de seu próprio negócio – ser dono de sua capacidade criativa”.

Segundo esse raciocínio, é possível ser empreendedor inclusive quando se é funcionário público ou se trabalha “para os outros”. Trata-se do exercício do intraempreendedorismo. “É quando um profissional propõe alterações nos processos ou produtos de uma instituição, que resultam em ganhos de competitividade. Não é preciso montar um negócio, pois se pode ajudar a empresa na qual se trabalha a ter um melhor desempenho”, afirma o Prof. Hugo Acosta.

De acordo com dados do SEBRAE, o perfil padrão do empreendedor de pequeno porte no Brasil é o do empresário com baixo nível de instrução, já que apenas 32% possuem formação superior. Uma parcela é fruto da hereditariedade e reforça o ramo dos negócios familiares. Outro grupo é o dos “empreendedores por necessidade”, obrigados por situações de endividamento ou desemprego. Esse percentual chega à metade do total de proprietários de pequenas e médias empresas. O terceiro, que mais agrega o verdadeiro espírito do conceito, é o dos “empreendedores por oportunidade”, que aprendem a administrar através da vivência empresarial como empregados e montam o próprio negócio aproveitando a experiência adquirida.

Para quem ainda está nos bancos da universidade, essa realidade também é possível. Embora o empreendedorismo jovem seja um fenômeno recente no Brasil, e muitos recém-graduados visem mais à aprovação em concursos públicos ou à efetivação em empresas privadas, há os que já exercitam o espírito empreendedor antes mesmo da formatura. “Isso tem sido despertado por programas como o Desafio SEBRAE (jogo virtual que simula a administração de uma empresa). Cerca de 700 mil universitários brasileiros já participaram, com o objetivo

de passar seis meses administrando a própria empresa, aprendendo e concorrendo a prêmios. Projetos como esse são um incentivo”, acrescenta Alci Porto.

Os interessados podem começar conhecendo as iniciativas empreendedoras na universidade e fora dela. “Além da discussão teórica, é bom procurar estágios, participar de competições de planos de negócios, aproximar-se das incubadoras de empresas, assistir a palestras relacionadas e conversar com empreendedores”, aconselha o Prof. Hugo Acosta.

Como alternativa, as agências juniores consolidam-se a cada dia como a união entre teoria e prática, dentro da própria instituição de ensino. Na visão do Prof. Fernando Sabóia, contudo, essas opções ainda são poucas. “Temos grupos dentro da UFC que já trabalham com a perspectiva de forma isolada. O ideal é que seja construído um pensamento único em nome da universidade, com uma proposta curricular para ser levada aos conselhos superiores da UFC e, em seguida, ao Ministério da Educação”.

Aliando teoria e prática

“A gente está aqui dentro não é para ficar rico, mas para ficar caro”, diz em tom de brincadeira a estudante do curso de Administração da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Rafaela Goes. Atual presidente da ADM Soluções, Empresa Júnior da Administração, ela expressa, de uma forma irreverente, o benefício em se integrar a equipe de um empreendimento dentro de uma instituição de ensino superior.

Surgidas na França, em 1967, as Empresas Juniores (EJ) são associações civis sem fins econômicos conduzidas por alunos de graduação em ensino superior. Chegaram ao Brasil em 1988, através da Câmara de Comércio e Indústria Franco-Brasileira. Sob o mote de propiciar o exercício profissional aos universitários, em conjunto com estudos teóricos e

acompanhamento docente, o conceito, em pouco, se proliferou: o País hoje conta com cerca de 600 empresas, segundo a Confederação Brasileira de Empresas Juniores. No Ceará, de acordo com um levantamento prévio feito pela Federação das Empresas Juniores do Estado Ceará (FEJECE), são 26 EJ.

A pioneira e uma das mais bem sucedidas no Estado é a ADM Soluções. Com 17 anos de atividades, a empresa atua desenvolvendo pesquisas, consultorias e treinamentos. Com uma cartela de clientes recheada com nomes como o Tribunal de Contas do Estado, Câmara de Dirigentes Lojistas do Ceará e Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, além de organizações de grande porte e grupos comerciais, a ADM conta com uma equipe de 15 membros efetivos, seis trainees e 40 associados, alunos do curso que atuam como prestadores de serviços.

E uma dessas integrantes é a jovem Rafaela, aluna do 8º semestre. Para ela, as Empresas Juniores são essenciais na boa formação acadêmica. “Aqui a gente está desenvolvendo tanto habilidades técnicas, habilidades conceituais – através dos livros, dos professores, dos profissionais do mercado – como habilidades pessoais, saber trabalhar em equipe, ser proativo, saber escutar, dar feedback; características muito valorizadas atualmente”, expressa. Segundo ela, alunos que integram uma EJ ampliam o seu leque de oportunidades de emprego ao sair da universidade. “A gente está todo tempo lidando com empresários. Então tem gente que sai daqui da ADM e é “capturado”, convidado para trabalhar em várias empresas. O networking aqui é enorme. Então, quem está dentro de uma Empresa Júnior tem várias opções: pode sair e querer abrir o seu próprio negócio, ir para uma grande empresa, enveredar pelos concursos públicos ou ainda pelo lado acadêmico, até porque a gente entende que empreendedor não é só o que monta sua empresa, mas aquele que tem uma visão de futuro”, comenta.

Outra iniciativa duradoura, desta vez na Universidade Federal do Ceará (UFC), é a Consultec Jr., conduzida pelos alunos do curso de Engenharia Civil. Atuando no âmbito de projetos acadêmicos e técnicos nas áreas de Engenharia Civil e Arquitetura, a EJ realiza ainda cursos e capacitação de alunos. Este ano, foram oito projetos elaborados para um público de micro e pequenos empresários de Fortaleza e Região Metropolitana. Julien Souto, diretor administrativo financeiro da Consultec Jr., atribui a longevidade da empresa – que possui uma década de atividades, sendo uma das mais antigas da UFC – ao suporte fornecido pela Universidade. “Temos apoio com a estrutura e não temos alguns gastos que outras empresas possuem, como luz ou internet, fora a ajuda que temos dos professores e da coordenação”, aponta.

O amadorismo pode ser uma pequena pedra que se transforma em uma montanha intransponível para uma Empresa Júnior. De acordo com a presidente da FEJECE, Caroline Valente, é necessário compromisso e olhar de gestão para manter uma EJ no mercado. “Ainda tem muita gente que trabalha em uma Empresa Júnior com uma cabeça de terceiro ano, com isso não vai atrás de captar o seu cliente, simplesmente espera”, diz. Para Rafaela Goes, da ADM Soluções, essa falta de senso empreendedor se dá por uma carência de formação voltada para a área nas universidades. “É difícil manter o integrante da Empresa Júnior lá dentro, por conta de ser um trabalho sem fins lucrativos, enquanto há estágios que oferecem dinheiro. Isso acontece porque os cursos, em geral, formam mais empregados. As universidades deveriam investir mais nesse lado. Assim como há cadeiras básicas de Filosofia e Psicologia, elementares para quase todos os cursos, deveria haver também uma cadeira de Empreendedorismo, porque toda área necessita”, expõe.

Afora os empecilhos internos, há os externos. Já fortalecido nos estados do Sul e Sudeste, o Movimento Empresa Júnior ainda caminha para



ADM Soluções: empresa júnior tem cartela de clientes de peso no Estado

a consolidação em terras cearenses. “O mercado não conhece o que é uma Empresa Júnior, então a primeira dificuldade é de realmente vender o seu produto, de conscientizar o mercado e a sociedade que existimos”, explana Rafaela Goes. A universitária afirma também que desconfiança em relação ao trabalho de uma EJ não é raro entre o empresariado local. “Há ainda aquela ideia de ‘Se essa pessoa não está formada, como vai fazer uma consultoria na minha empresa?’”. Mas a gente consegue convencer o empresário que o fato de a gente estar na universidade não é ruim, pelo contrário, pois estamos em contato direto com as tecnologias, com a teoria, com os professores, as últimas novidades estão dentro da universidade. Então a gente acaba transformando isso num ponto positivo”, revela. De acordo com a presidente da FEJECE, apesar desses entraves, boas oportunidades de negócios não faltam. “O mercado está cada vez mais aquecido para a atuação de uma Empresa Júnior. Nenhuma delas vai poder dizer que fechou as portas porque não tinha a quem atender”, ilustra.

Florescendo boas ideias

Fazer nascer uma empresa não é fácil. Além de toda a burocracia e papelada que podem deixar de cabelo em pé o incipiente empresário, há a necessidade de saberes relacionados à gestão econômica e técnica. No entanto, esses fantasmas podem assustar menos do que a falta de capital para dar os primeiros passos. Como forma de mandar para longe essas assombrações, fornecendo suporte e formação, o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), mantém uma incubadora de empresas, a InCEFET.

Criada em 2004, fruto do programa CEFET Empreendedor, a incubadora fornece suporte tecnológico e gerencial

através de consultorias e cursos de capacitação para empreendimentos nascituros. Seu público-alvo são alunos e ex-alunos do IFCE. “O público da incubadora é diferenciado porque possui o conhecimento técnico, mas não tem recursos, e sem recursos uma empresa não vai para frente. Nosso esforço é bem maior do que uma incubadora de base tecnológica que está incubando projeto de doutores e pós-doutores, que conseguem obter financiamentos”, declara Fernando Pinho, coordenador da InCEFET.

Em sua trajetória, a incubadora já fomentou 18 iniciativas, tendo apenas duas não vingado, por conta da desistência dos próprios integrantes. Um desses 16 casos de sucesso é a AED Tecnologia, empresa constituída em 2006, que desenvolveu um produto que poderá auxiliar na gestão do transporte público em Fortaleza, facilitando a vida de passageiros e condutores, o moto taxímetro. O aparelho irá controlar informações como distância percorrida, velocidade e tempo de viagem.

Como explica o técnico em estradas Heyde Leão, idealizador do equipamento, o projeto inicial era desenvolver computadores de bordo para ralis. “A gente viu que era muito mais proveitoso não só tecnicamente, mas socialmente, a gente construir algo que atendesse a uma população de baixa e média renda, e que, o gestor público também pudesse ser contemplado”, cita. Foi então que, durante uma conversa informal com amigos, Heyde resolveu unir uma paixão sua, as motocicletas, aos negócios, trazendo à tona a ideia de um taxímetro para motos. “Eu tive um insight desses que a gente tem na vida atravessando aqui a rua para ir lanchar. ‘Por que em vez de a gente ficar batendo cabeça com computador de bordo para ralis não fazemos um computador de bordo para mototáxi, um mototaxímetro?’”, recorda.

De um começo improvisado, com integrantes com escassos conhecimentos em Administração, hoje, a AED colhe bons frutos: através

de uma parceria com a Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (ETUFOR), o equipamento começa a ser testado este mês nos mototáxis da Capital.

O céu é o limite

Eles eram apenas uma dupla de colegas da faculdade. Hoje, são sócios de uma empresa sediada em São Paulo, com filiais em Fortaleza e em países da Europa, Ásia e América do Norte. Dos corredores do Centro de Tecnologia da UFC, os ex-alunos de Ciências da Computação, João Mendes de Carvalho e Marcelo Romcy, despontaram para o mundo com a Proteus, empresa de informática que presta serviços na área de segurança de informações na Web.

Sabe antivírus, firewall e outras ferramentas que ajudam a blindar os computadores contra fraudadores e “hackers”? Pois os jovens de apenas 33 anos foram muito além disso: criaram um sistema inovador de proteção contínua às informações estratégicas e sigilosas dos clientes – a maioria, grandes empresas brasileiras e multinacionais.

Tudo começou em 1996, quando a Internet começava a se popularizar no Brasil e os então estudantes João Mendes e Marcelo estavam no primeiro ano da graduação na UFC. “A gente criou a primeira empresa para tentar resolver um problema que nós enfrentávamos enquanto bolsistas. Acessar a Internet era muito difícil e a gente precisava de algo que facilitasse nossa vida”, relata Marcelo.

Foi quando nasceu a “Inaces”, primeira iniciativa empreendedora da dupla, então com 19 anos. Na época, quando a Web ainda era uma espécie de “monstro desconhecido”, o objetivo era ajudar as pessoas a navegarem na rede mundial de computadores. “Não existia e-mail, nem Internet Explorer, somente uma série de comandos difíceis, que quase ninguém dominava”, descreve.

A Inaces oferecia um “pacote” de instalação automática de todos



João Carvalho e Marcelo Romcy: dos corredores do Centro de Tecnologia da UFC a empresa com filiais em vários continentes

os programas necessários à navegação, juntamente com um pequeno treinamento para os usuários – tudo isso em um simples disquete. O resultado foi imediato: “Sem sair do Ceará, vendemos o produto para 30% do mercado brasileiro. Fizemos clientes do Amapá, ao Rio Grande do Sul”, lembra.

O retorno financeiro começou a aparecer. Mas, apesar da pouca idade, a dupla deu um exemplo de maturidade e não se deslumbrou com a “pequena fortuna” recém-acumulada.

“Essa foi a sacada. Nós não tirávamos quase nenhum tostão para o nosso bolso. O dinheiro servia para comprar mais livro e equipamento. Nós sabíamos que, cedo ou tarde, aquele mercado ia acabar, porque a Internet estava se aperfeiçoando e logo as pessoas não precisariam mais do nosso produto para navegar na rede”, diz Marcelo. Era hora de montar um novo negócio.

Com os recursos financeiros da Inaces e o conhecimento proporcionado pela Universidade, a dupla decidiu criar a Proteus, enveredando para um novo caminho: o de segurança de informações na Internet. O sucesso na carreira e a independên-



Alexandre Santiago, ex-aluno da Uece, tem empresa que auxilia pessoas a montarem seus próprios negócios

cia financeira estão aí até hoje.

Além do talento para os negócios, o incentivo da Universidade também contribuiu para o resultado. Matriculados na disciplina de Empreendedorismo, ministrada pelo Prof. Fernando Sabóia, a dupla teve a oportunidade de conhecer o mercado de trabalho e de se inspirar com bons exemplos.

“Em uma das aulas, o professor levou o Rodrigo Mascarenhas (presidente da RM Sistemas, uma das maiores fornecedoras nacionais de sistemas de gestão empresarial) para dar uma palestra. Foi a partir dali que surgiu a empolgação para montarmos um negócio. Se um cara que começou com apenas uma calculadora, sem nenhuma formação, conseguiu, nós também conseguiríamos”, relata Marcelo.

Experiência que dá frutos

A Universidade Estadual do Ceará (Uece) também costuma revelar talentos. Após anos estudando sobre como gerenciar uma empresa, o jovem Alexandre Santiago, 28 anos, agora ajuda outras pessoas a monta-

No comecinho

Ciente desse e de vários outros obstáculos, a estudante de Publicidade e Propaganda da UFC, Liana de Oliveira Costa, é outra que decidiu colocar para frente seu projeto empreendedor: um buffet de pequeno e médio porte, para realizar de festas infantis à recepção de casamentos. Por enquanto, a proposta está só no papel. Como primeiro passo, a jovem decidiu matricular-se na disciplina de Empreendedorismo, pela primeira vez ofertada na grade curricular do curso.

Ela também participou de um curso básico no Sebrae, chamado “Iniciando um Pequeno Grande Negócio”. Desde então, tem agregado uma série de novas ideias ao plano. “Sei que farei um grande investimento, conheço os riscos e algumas regras dos novos negócios, como não tê-lo como única fonte de renda nos primeiros anos”, testemunhou.

A ideia de montar um buffet surgiu a partir da experiência de sua irmã como decoradora de festas. “Praticamente todos os eventos que ela decorou eram realizadas na casa dos clientes. Conversando com as pessoas, descobrimos que, em várias regiões, não há um local adequando para realização de festas, que incluía espaço físico bonito, serviços de decoração e buffet integrados. Daí surgiu nosso projeto”, relatou.

A inspiração também veio de dentro de casa. Além da irmã, a mãe da jovem também chegou a tocar uma loja de roupas de festas, que acabou não engrenando. Durante aproximadamente 25 anos, o pai manteve uma pequena fábrica de produtos de alumínio, onde os irmãos também trabalharam. “Nunca assumiu um grande porte, mas durante algum tempo atendeu a uma grande faixa de clientes”, lembrou Liana. Assim, cheia de exemplos, a moça aguarda sua vez de empreender. “É um sonho e uma oportunidade. Estou disposta, sim a encarar o desafio”.

Bodas de amor à música

Com o novo espetáculo "Abraços" o Coral da UFC mostra fôlego e apuro técnico capazes de atrair e encantar plateias

por Simone Faustino

Em uma instituição com 55 anos de existência, não é surpresa que um grupo cultural cinquentenário possua prestígio. Nascido quase ao mesmo tempo em que a própria Universidade, o Coral da UFC finalizou, no início de dezembro, a temporada de seu novo espetáculo, "Abraços". Entre 1º de novembro e 1º de dezembro, o grupo lotou o teatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e provou que ainda pode inovar.

A equipe lamenta apenas a curta temporada. Foi um mês no Dragão do Mar e, em dezembro, estão agendadas apresentações para escolas públicas no Centro Urbano de Cultura, Ciência, Esporte e Arte (Cuca) Che Guevara, na Barra do Ceará. "Se tivéssemos um teatro universitário de grande capacidade, poderíamos fazer um semestre de temporada. O ideal era que isso acontecesse dentro da própria universidade", diz o Prof. Elvis Matos, do curso de Licenciatura em Educação Musical da UFC e coordenador do Coral.

Com rico repertório relativo às relações humanas, seus laços e percalços, a montagem mais complexa deu fôlego à performance dos artistas. A novidade da vez foi a posição diferente do coro. Sobre andaimes, os cantores podiam movimentar-se na vertical, desmistificando a ideia de que o canto coral só se move na horizontal. "Havia um desconforto com

relação à posição, e tivemos a ideia de verticalizá-la. Assim, os coralistas se colocam em vários níveis no palco", explica o regente do Coral, Prof. Erwin Schrader. Um dos detalhes cênicos mais curiosos do espetáculo, o par de sapatos pendurado sobre os andaimes, também se relaciona com o mesmo conceito. Erwin explica a origem da história: "Certa vez, vinha dirigindo na Avenida Eduardo Girão e vi, em um fio de poste, um par de sapatos amarrado pelos cadarços e pendurado. Aqueles sapatos 'embarcados', como os cearenses dizem, deram a ideia de verticalidade que nós precisávamos".

Ao final da montagem anterior, "Gonzagas", já era esperada a renovação de parte do corpo de integrantes. O que não estava previsto era a substituição de 2/3 do Coral. "Na transição de um espetáculo para o outro, é normal renovar pelo menos 1/3 do grupo. Alguns se formam, outros precisam trabalhar ou vão estudar fora. Em "Abraços", esse processo foi difícil. Aproveitamos essa renovação em massa para pensar em algo mais ousado", relembra Erwin.

Os 33 coralistas passaram por extenso trabalho corporal e vocal. A contralto Laisse Mariano é participante desde 2002, quando era estudante de Letras. Esteve no "elenco" de todos os espetáculos desde então: "Nós e o mar", "Borandá Brasil", "Gonzagas" e, agora, "Abraços". Nes-



Comidas de *Abraços*, último espetáculo apresentado pelo Coral da UFC, no Teatro do Centro Cultural Dragão do Mar

te último, protagoniza alguns dos momentos mais lúdicos da narrativa, encarnando a personagem Brinquedo, boneca melancólica, com um ar de clown. "Nesse último, a preparação foi mais pesada, pois ensaiamos toda semana. Corporalmente, ele exigiu mais de nós. Estamos sempre formando gente nova, mas, quando o Coral incorpora alguém, incorpora também as habilidades dessa pessoa", conta.

O tenor Tom Júnior, único coralista com canção-solo em "Abraços", não tem o trabalho de conciliar o Coral com uma "vida paralela". Ele é estudante de Educação Musical na UFC, capacita outros grupos corais e ministra aulas particulares de canto. No caso dele, a grande recompensa é o crescimento artístico e pessoal. "Aqui foi minha grande escola, onde aprendi a compreender um pouco mais as pessoas e a me desenvolver como cantor. Todos aqui têm estilos de vida e personalidades muito diferentes, mas o canto nos une", finaliza.

Onofre Paiva é artista plástico e trabalha com animação. A experiência com trilhas sonoras acabou atraindo-o para o universo musical e, posteriormente, para o canto. Para

ele, a mensagem de "Abraços" é mais profunda do que se pensa. "Acho que ele fala um pouco dessa perda dos sonhos, das imposições da vida. É difícil resumir a ideia porque agrega muita coisa. Fala sobre a afetividade, sobre se tornar mais humano e menos 'coisificado'", resume. Onofre salienta que todo o trabalho, da concepção da ideia ao figurino, foi coletivo. "É como diz aquele ditado musical, a harmonia só existe com vozes diferentes, por isso buscamos a variedade. Há muitos personagens, mas também há um pouco de cada um de nós no palco".

Segundo o Prof. Elvis Matos, "Abraços" não deve realizar turnê no exterior, diferente dos dois últimos espetáculos. "Dessa vez, a compreensão do texto e do contexto que gerou a música é muito importante, difícil de ser captado por uma platéia estrangeira. No caso do "Borandá Brasil" (2005), que era um grande apanhado da cultura brasileira, o texto era mais secundário". No desenrolar da peça atual, as canções conduzem a narrativa e estabelecem nexos entre si mesmas, mas a história não está dada.

A pesquisa musical chegou a uma seleção de músicas que versa sobre o

desejo de união e o firmar de laços. Demasiadamente humana, também não esqueceu as despedidas e decepções. O espectador pôde fazer um percurso que, atipicamente, iniciou com jeito de partida, com "Encontros e Despedidas", de Milton Nascimento e Fernando Brant. Passou ainda pelo "Vilarejo", de Marisa Monte, e por "Cruz de Cinza, Cruz de Sal", imortalizada por Elis Regina. Em uma das ocasiões mais animadas do espetáculo, a interpretação de "Bola de Meia, Bola de Gude" (conhecida na voz do grupo 14-Bis), as 240 pessoas do teatro voltaram à infância e jogaram bola com o elenco.

Houve quem dissesse, inclusive, que a interpretação do coral para certas canções estava mais bonita que a versão gravada. Na saída, uma senhora comentava, emocionada, sobre a música "Boa noite, meu amor", que encerrou o espetáculo: "Nossa, devia fazer uns 30 anos que eu não ouvia essa música. Ela é do tempo das grandes serenatas, sabia?". Mesmo no último final de semana de apresentação de "Abraços", o Coral da UFC esgotou ingressos e foi capaz até da ousadia cênica de fazer chover – e chorar. ☺

Direitos no cotidiano

Grupos de extensão universitários implementam ações de assessoria jurídica popular em trabalho direto com comunidades carentes ou na assistência individualizada a quem é excluído do sistema judicial

por Cristiane Pimentel



Em uma manhã de pouco vento e sol abrasador, tambores e apitos ecoam os gritos de uma população clamante pelo direito à moradia. É 17 de novembro e a comunidade do Lagamar, em Fortaleza, havia escolhido aquele dia quente para sair rumo à Câmara Municipal, em protesto por ações em favor da área. Inquieta, Auxiliadora Araripe, integrante de uma fundação que atua no local, aguarda os dois últimos ônibus com pessoas para compor a marcha. “Ainda bem que vocês chegaram. Já estava com meu coração ó...”, exprime em meio

a gestos a sua ansiedade ao ver chegar os retardatários. Trazendo consigo uma batucada ensurdecadora, esses jovens – convenientemente barulhentos – junto a componentes de organizações não-governamentais, de grupos de mulheres, da associação de moradores e de igrejas evangélicas encorpam a caminhada. “Temos uns estudantes da UFC aí também, o pessoal do Frei Tito e uns professores”, avisa Auxiliadora.

Segurando faixas em meio ao grupo e ao trio elétrico, se esgueirando no espaço mínimo entre a cal-

çada e os carros, estão os estudantes. Oriundos de grupos de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC) – Núcleo de Assessoria Jurídica Comunitária (NAJUC) e Centro de Assessoria Jurídica Universitária (CAJU) – e de organização informal de alunos da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) – Serviço de Assessoria Jurídica Popular (SAJU) – estes jovens estão ali a realizar apenas um ato do seu trabalho germinado nas universidades: a Assessoria Jurídica Popular.

Ensinando a pescar

A máxima é velha, mas ainda válida: “Melhor do que dar o peixe é ensinar a pescar”. E foi baseado nesse conceito que foram engendrados, nas universidades, grupos de Assessoria Jurídica Popular. A ideia surgiu como crítica ao modelo de formação dos estudantes de Direito e à prática jurídica convencional, tidos como afastados da realidade social. Fortalecidos no País em meados dos anos 90, esses grupos têm como objetivo não apenas subsidiar juridicamente, como propor transformações sociais nas comunidades por eles atendidas. Nas demais estruturas, os chamados Escritórios-Modelo, o serviço era focado em atendimentos individuais, semelhando-se ao trabalho da Defensoria Pública, no encaminhamento de causas individuais. “A gente acredita que o saber não está só aqui na Academia. Existem vários tipos de saberes, muitos tipos de Direito e a nossa ideia é sair dessa redo-

ma que a gente vive, principalmente aqui na Faculdade, onde o Direito é só a lei, é só o que o STF (Supremo Tribunal Federal) fala, o Direito dos tribunais. Queremos mostrar que o Direito é uma coisa viva, por isso que as leis vão mudando com o tempo, e essa vida está em cada pedacinho da sociedade”, afirma Mayara Justa, integrante do Núcleo de Assessoria Jurídica Comunitária (NAJUC), da UFC, um dos quatro grupos de Assessoria Jurídica Popular existentes no Ceará: há ainda o CAJU, o SAJU e o Programa de Assessoria Jurídica Estudantil (PAJE), da Universidade Regional do Cariri (URCA).

Criado em 1992, o NAJUC conta, atualmente, com 15 estudantes e tem como foco de atividades as questões urbanas. Seu trabalho está centrado no direito à moradia, mais especificamente nas áreas contempladas pelo Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFor), como Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS). Aprovado em dezembro de 2008 pela Câmara Municipal e em vigor desde fevereiro deste ano, o Plano Diretor – conjunto de leis municipais que orientam a ocupação urbana da cidade – define a implantação desses espaços, que seriam porções do território da cidade destinadas à promoção da regularização urbanística dos assentamentos. Locais considerados como Zonas Especiais passariam então a receber uma série de investimentos públicos, como a introdução de serviços de infraestrutura e a regularização fundiária. “Iremos acompanhar essas áreas, porque existe a lei, elas são reconhecidas como Zonas Especiais,

mas falta a efetivação. Para isso, precisa de certo tempo, de mobilização, a sociedade precisa estar envolvida, para que se definam os parâmetros de cada uma. Cada ZEIS vai ter sua legislação específica, que vai depender das características urbanas daquela região, as características culturais, da própria organização popular. Então, acompanhando esse processo, poderemos propor leis à Câmara Municipal que regulamentem essas Zonas”, explica Renata Maia, participante do NAJUC.

No entanto, a atuação do NAJUC não se restringe às partes instituídas como ZEIS. Uma das áreas que vêm recebendo o trabalho dos es-



tudantes é o Lagamar que, apesar de ser carente de investimentos governamentais, não foi classificada como Zona Especial. Na tentativa de conscientizar e mobilizar os moradores acerca da importância da luta para inserção do Lagamar nessa classificação, o NAJUC vem desenvolvendo ações culturais de sensibilização, ações de bairro e ações de grupo. Nas ações culturais são utilizadas música e dança, a fim de estabelecer um primeiro contato. Nas ações de bairro são promovidas rodas de conversa e debates.

As ações de grupo contemplam oficinas com integrantes da comunidade. Como detalha Mayara Justa, as atividades do Núcleo são pensadas a fim de obter o melhor retorno possível dos moradores. “A gente busca não fazer um trabalho de chegar nas comunidades de pára-quadras e dizer ‘Nós somos estudantes de Direito e estamos aqui para salvar a vida de vocês’. A gente não chega lá com o Vade Mecum e começa a ler a Constituição. Tentamos problematizar através do Teatro do Oprimido (método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal), cartazes, textos, música, coi-

sas próximas da comunidade, tudo numa linguagem fácil”, menciona.

Outro projeto que milita na linha de Assessoria Jurídica, também da UFC, é o Centro de Assessoria Jurídica Universitária (CAJU), criado em 1997. Fruto dos debates acerca de temas extracurriculares realizado por um grupo de estudantes de Direito, que exerce atividades na Educação Popular em Direitos Humanos. Para isso, desenvolve oficinas, cursos e debates em comunidades ou movimentos sociais. Há ainda a capacitação em Direitos Humanos e Assessoria

Jurídica Popular, ministrada semestralmente na Faculdade de Direito e voltada para graduandos, que já formou cerca de 800 alunos. “A gente sempre tenta manter uma linha de ação interna na faculdade, de levar esse tema da Assessoria Jurídica Popular e Direitos Humanos, que é um debate muito escasso lá, não há muitos lugares que propiciam esse tipo de discussão. Então, todo semestre a gente faz essa capacitação, que é um espaço no qual a gente se encontra e discute Educação Popular, Assessoria Jurídica Popular, Direitos Humanos, Movimentos Sociais e Universidade, enfim, nossa concepção de Extensão Universitária”, detalha Sofia Frota, estudante do 5º semestre de Direito, que atua no CAJU.

Assim como o NAJUC, o CAJU está atuando junto ao projeto ZEIS, uma parceria entre a Rede de Assessoria Jurídica Universitária Popular (RE-AJU), que engloba os quatro grupos de Assessoria Jurídica do Estado, e o Escritório de Direitos Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito de Alencar, vinculado à Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Outras tarefas que vêm sendo feitas pelo CAJU são sobre a questão indígena, como a construção de um dossiê que será encaminhado à Organização das Nações Unidas (ONU) e à Organização dos Estados Americanos (OEA), que traça um diagnóstico da situação das terras indígenas no Ceará, além da proposta de fazer uma pesquisa com etnias existentes no Estado e ver os entraves na demarcação de suas terras.

Núcleo de Práticas Jurídicas

Além da Assessoria Jurídica Popular, um serviço prestado nas faculdades de Direito tem sido a Assistência Jurídica Popular, em estruturas geralmente denominadas Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ). Se na Assessoria as atividades são voltadas para comunidades ou grupos organizados, na Assistência o serviço é voltado para casos individuais. Na UFC, no Escritório Modelo Profes-

sor Alcântara Nogueira, a população de baixa renda é recebida às terças e quintas-feiras, de 13h às 18h.

Cerca de 30 pessoas procuram diariamente no Escritório soluções para suas causas. A maioria é composta por mulheres trazendo questões envolvendo Direito de Família, como é o caso da vendedora ambulante Maria de Fátima Fernandes. Foram 22 anos de convivência e dois filhos até que as drogas minassem o amor e o companheirismo de seu casamento. Esgotada pela luta contra o vício de seu marido e decidida a mudar de vida, mas sem condições de arcar com os honorários de um advogado, foi através da indicação de uma amiga sobre o Escritório Modelo que Fátima pôde dar seu primeiro passo rumo ao divórcio. “Para mim ficaria difícil pagar um advogado, pois não tenho condições. Estou gostando muito do atendimento aqui, explicam direitinho as coisas. O serviço é 10”, elogia. Já a costureira Maria Helena Assunção ficou sabendo do serviço através de uma reportagem. “Vi no jornal dizendo que tinha atendimento ao público e por isso decidi vir”. Helena, em processo de separação, também tece bons comentários acerca do trabalho. “O atendimento é ótimo e rápido. Fui muito bem atendida”, comenta.

Apesar da avaliação positiva dos usuários, o Escritório Modelo da UFC vinha fazendo pouco jus ao nome. Apenas um advogado e cinco estagiários acolhiam as demandas da população, em uma pequena sala improvisada. Insatisfeitos com essa situação, estudantes se reuniram e decidiram levar adiante um processo de criação de um Núcleo de Práticas Jurídicas na UFC, com estrutura e equipe satisfatórias. Autodenominados CRIAÇÃO, no início eram apenas dois graduandos, hoje o movimento conta com quase cem alunos, além do apoio de docentes. “A campanha foi lançada há três meses e o que a gente buscou foi fomentar a ideia nos estudantes da criação do Núcleo de Práticas Jurídicas. Contamos com o apoio dos professores, a gente mandou uma carta para cada professor da graduação

manifestando a necessidade da criação de um NPJ. Recentemente, a gente conseguiu uma reunião com cada candidato à eleição da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), pedindo o apoio outrora dado, e nós fomos ao Tribunal de Justiça pedir o apoio aos desembargadores”, narra o estudante de Direito Raphael Franco, um dos integrantes do grupo.

E parece que tanta movimentação deu certo: foi aberta em novembro a licitação para construção do NPJ, que deverá contar, em 2010, com uma estrutura mais adequada. A ideia é que seja triplicada a capacidade de atendimento, com funcionamento em três turnos, além da construção de uma sala de conciliação. “O mais importante desse projeto não é só a finalidade social, que, se Deus quiser vai ser atingida, mas, principalmente mostrar que quando os estudantes se unem num ideal pró-Faculdade, tendo apoio da coordenação e diretoria, as coisas tendem a caminhar mais rápido e de uma forma mais satisfatória”, comemora Raphael.



Equipe do Caju realiza educação popular em direitos humanos



Membros do Najuc centram foco nas questões urbanas e no direito à moradia. A foto registra participação em passeata no Lagamar



O Escritório-Modelo da UFC presta assistência jurídica a pessoas de baixa renda

Mudando Realidades


Participação em construção de uma consciência política e social acerca da realidade local sem dúvida é um resultado dessa aproximação entre universidade, através de seus projetos, e sociedade. “Sempre quando a gente precisa de ajuda a gente corre para a universidade. Nós buscamos a UFC na mobilização e no trabalho comunitário, no trabalho de grupo, de levar discussões para a comunidade. Então, a UFC ajudou na construção coletiva desse conhecimento das ZEIS. Na realidade, há mais de 20 anos temos essa parceria”, destaca Auxiliadora Araripe, integrante da Fundação Marcos de Bruin, que desenvolve projetos sociais na região do Lagamar.

Se para regiões como o Lagamar o cotidiano pode sofrer transformações nesse abraço com a Academia, a vida de cada estudante que participa dessas iniciativas também vê surgir novas tonalidades. “Acho que a gente mais aprende quando

vai à comunidade do que mesmo quando vai ensinar. A lei a gente vê aqui na Faculdade, mas, às vezes, é muito distante da realidade. Quando a gente vê na prática, é outra história, é um momento muito rico tanto para o núcleo, como individualmente”, avalia Mayara Justa, do NAJUC. Para o coordenador da graduação em Direito na UFC, Fernando Ferraz, projetos de Assessoria e Assistência Jurídica são essenciais para uma boa formação dos futuros profissionais do Direito. “Vejo com muita simpatia todos eles (projetos), porque dão ao aluno a complementação de formação humana que a gente quer que eles tenham. Essas iniciativas proporcionam um contato com a realidade”, observa.

Já a estudante Renata Maia, também do NAJUC, enfatiza como característica positiva dos projetos a possibilidade de modificação da atual concepção vigente da carreira de Direito. “As pessoas vivem numa sociedade individualista e elas pensam mais em si mesmas, com isso, os cursos de Direito, em todo o Brasil, têm ganhado uma perspectiva muito mercadológica, muito concurren-

privilegiar, indissociavelmente, o ensino, a pesquisa e a extensão, só que, atualmente, privilegia-se muito claramente o ensino voltado para o concurso público e para que aquele sujeito consiga o seu dinheiro, a sua carreira jurídica e um status na sociedade. Aqui (no Najuc) a gente tenta unir as três propostas, fazendo o ensino, a pesquisa e a extensão de maneira tão junta que não se possa dissociar”, explana.

Ainda de acordo com a estudante, os cursos de Direito devem dirigir cada vez mais seu olhar para as questões sociais. “A universidade tem que ter a pesquisa, o ensino e a extensão voltados somente para a base mercadológica, para que pessoas vivam sua vida e ganhem seu dinheiro? Não! Mas para que as pessoas estudem e realizem seus sonhos, proporcionando uma melhoria da sociedade. É na condição de você se conhecer como um sujeito histórico e ver a importância de seu trabalho e lutar por uma sociedade em que exista dignidade humana, não de uma maneira formal, mas material, que é o que a Constituição mais fala em seus princípios”, defende. 

Profissão: professor universitário

Não são poucos os que têm como meta profissional a carreira docente no Ensino Superior. A expansão das universidades públicas potencializou oportunidades em todo o País

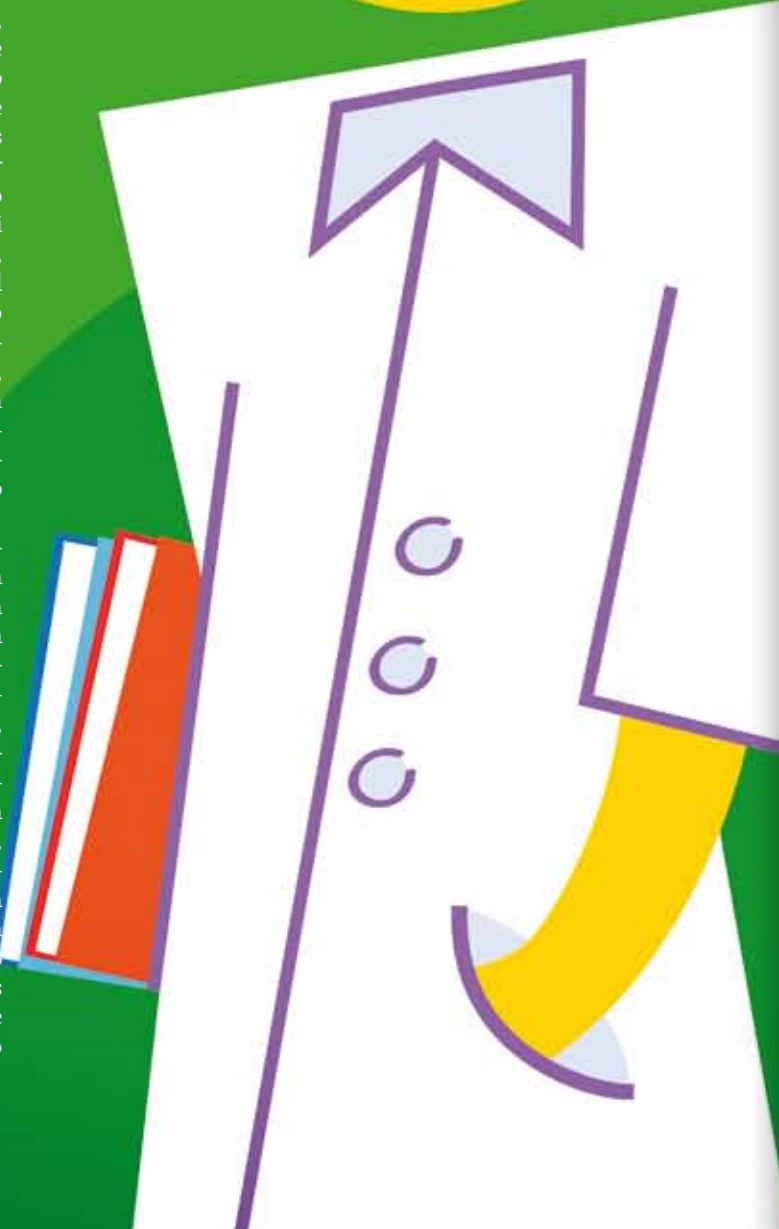
por Simone Faustino

Ser professor universitário era, até o final da década de 90, uma opção escolhida quase que exclusivamente por dois tipos de profissionais. De um lado, os que sonhavam, por vocação, lecionar e pesquisar em uma instituição de renome. De outro, os que não eram acolhidos pelo mercado e viam a carreira acadêmica como plano “B”. Hoje, a história é outra. Com a ampliação do número de cursos de pós-graduação no País e os investimentos recentes do Governo Federal na expansão do Ensino Superior, a corrida por uma vaga de professor efetivo, seja auxiliar, assistente, adjunto ou titular, tornou-se acirrada.

“Os jovens, tão logo terminam a graduação, ingressam imediatamente no mestrado ou doutorado. Acredito que a tendência se deve ao grande número de concursos abertos em todo o Brasil. Isso facilita o acesso, face à menor concorrência e à grande oferta”, explica Fernando Henrique Carvalho, Superintendente de Recursos Humanos da UFC. Quando uma vaga é autorizada pelo Ministério da Educação, a unidade acadêmica solicitante indica a área de concentração do concurso, com o respectivo setor de estudo, regime de trabalho, titulação e etapas do processo seletivo. Enquanto isso, a Superintendência de Recursos Humanos (SRH) fica responsável pela elaboração do edital, seguida do acompanhamento das etapas de homologação, nomeação, posse e exercício.

Parece fácil para quem lê o passo-a-passo, mas o percurso pode ser difícil e desgastante para quem almeja uma vaga de docente. Tárík Prata, 33, é graduado em Psicologia e mestre em Filosofia pela UFC. O doutorado em Filosofia foi na Universidade de Heidelberg, onde lecionaram grandes pensadores como Hegel, Max Weber e Jürgen Habermas. Mesmo com o currículo de dar inveja, Tárík não foi aprovado em duas seleções da UFC, para os cursos de Psicologia de Sobral e de Filosofia do Cariri. Ele só não imaginava que seria excluído de alguns processos seletivos, de antemão, pelo simples fato de ser formado em Psicologia. “Meu leque de opções ficou mais restrito porque muitas universidades estão exigindo graduação na área do concurso”, conta.

O psicólogo aponta como deficiência nos concursos para professor da UFC a não-obrigatoriedade da defesa de um projeto de pesquisa, que daria oportunidade ao candidato de mostrar a produção e as intenções acadêmicas. Depois do insucesso no Ceará, Tárík foi encontrar uma oportunidade a 1.158 km de Fortaleza, prestando concurso para o curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, no setor de estudo de Filosofia Geral. Após a aprovação, outra odisséia começou. “Os principais impactos na vida de um professor recém-chegado são encontrar moradia, depois os altíssimos gastos com a compra de mobília e eletrodomésticos (quando



a pessoa precisa comprar), além do isolamento inicial”.

A surpresa foi o repentino apreço pela capital sergipana, Aracaju. Segurança, limpeza e zelo pelo patrimônio histórico são características da cidade, que, nesses pontos, ele afirma estar anos-luz à frente da capital cearense. Como nem tudo é perfeito, Tárík lamenta a falta de programação. “A vida cultural é ainda mais restrita do que a de Fortaleza. Apesar disso, só questões pessoais e familiares poderiam me levar a querer deixar Aracaju algum dia. Hoje, não tenho nenhuma intenção de sair daqui”.

Empossada na mais recente leva de professores da UFC, Danyelle Nilin não pensou em ir longe para seguir o caminho natural de recém-doutorada. Com todos os níveis de titulação obtidos na instituição, ela comemora a sonhada aprovação para o Departamento de Ciências Sociais, no setor de Ciências Políticas. A conquista veio na segunda tentativa, já que na primeira, em 2008, ela estava “nervosa demais”. “Acho que me senti muito pressionada para ser aprovada. Essa pressão partia de mim mesma, mas também de muitos colegas. Acho que a tensão foi minha maior inimiga”, relembra.

Aos que pensam em seguir a carreira acadêmica ou já estão na luta por uma vaga, ela recomenda ter foco. “Muitas vezes, é necessário estudar no final de semana, no feriado, nas férias, mas, no final, compensa. Apresentar trabalhos em congressos e publicar também ajuda muito”, enumera a socióloga.

Aguardando a vez

Jeanlex Soares praticamente “se criou” no Departamento de Física da UFC. Lá, fez graduação, mestrado e doutorado (este último na modalidade sanduíche, com período de estudos nos Estados Unidos). Já pós-doutor, voltou novamente ao Departamento para uma bolsa de pesquisa. E lá se foram seis anos de espera, até surgir a vaga em seu setor de estudo. “Não é sempre que temos

a sorte de aparecer, logo em seguida, um concurso em nossa área. A média mundial de tempo entre o doutorado e o ingresso na universidade é de seis, sete anos”, afirma.

Segundo ele, ingressar como pós-doutor é uma chance de estar ligado a uma instituição, pesquisando e colaborando com o departamento, até que apareça uma vaga. Nesse intervalo, o jovem professor aproveitou para tentar outros concursos para universidades em Sobral, Natal e Mossoró. “Mas foi para ganhar experiência”, frisa, deixando claro que a intenção era ficar por aqui. “O pós-doutor pode até orientar trabalhos, pelo menos no caso do Departamento de Física. Antes de ser professor adjunto, orientei duas teses de mestrado e uma de doutorado. Quando surgiu uma vaga, já estava bem preparado e fazia parte do grupo”.

A oportunidade surgiu para Jeanlex no segundo semestre de 2008. Ele não ficou surpreso por ser candidato único e nem por ter passado, já que vinha sendo preparado na função que ocupava. “Claro que o concurso é público, e qualquer pessoa pode se inscrever, mas é como uma “fila” meio simbólica, sendo comum surgirem vagas no setor de estudo de pessoas que já estão nessa situação”, explica.

O pesquisador destaca que o tempo “de molho” foi importante para desenvolver a sua independência científica e não se arrende de ter insistido até conseguir ingressar no Departamento de Física. “Gosto daqui porque as pessoas são agressivas em termos de pesquisa. Não é à toa que, após 10 anos de funcionamento, o conceito do nosso programa na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é seis. É importante formar gente que se identifique com a filosofia do departamento para manter a máquina funcionando”, acrescenta.

Olhar do avaliador

A grande oferta de vagas nas universidades federais vem criando uma situação que era inimaginável há al-



Danyelle Nilin, recém-aprovada na UFC, diz que é preciso ter foco nos estudos e currículo enriquecido



Jeanlex Soares viveu seis anos de espera por uma vaga no Departamento de Física



Doutor em Filosofia, o cearense Tárk Prata, conquistou sua vaga, depois de algumas tentativas, na Universidade Federal de Sergipe

guns anos: concursos com um número recorde de candidatos (20, 30 ou até 60 inscritos). O panorama favorável também traz grande mobilidade, atraindo, a cada seleção, participantes oriundos de todas as regiões do País. “Aqui no Centro de Tecnologia, não tivemos vagas com candidato único nos concursos recentes. Aliás, temos ficado atentos ao calendário de outras universidades para, inclusive, abrir nosso edital antes e pegar um leque maior de candidatos”, diz o Prof. José de Paula Barros Neto, diretor do CT.

Nessa unidade acadêmica, a maioria dos interessados é cearense, o que o diretor considera menos complicado. “Acho interessante que passem pessoas daqui mesmo, porque já estão instaladas e não apresentam desejo de aguardar concurso em seu estado natal, para depois desistir da vaga na UFC”, justifica.

De acordo com o Prof. Davi Morano, do Departamento de Morfologia, da Faculdade de Medicina da UFC, a Universidade ganha ao abrir as portas para pessoas com formação em

outras regiões. “Não vejo essa mobilidade de maneira negativa. Temos a possibilidade de aprovar bons candidatos, independente do local de origem. Mas claro que o candidato precisa pensar se realmente está disposto a assumir vaga fora da sua cidade natal”. Morano participou de bancas que selecionaram professores para o curso de Fisioterapia, que inicia as atividades em 2010.

Segundo Fernando Henrique Carvalho, da SRH, o professor efetivo é livre para prestar outros concursos e, no caso de cargos inacumuláveis (por exigirem dedicação exclusiva ou serem em locais diferentes), optar por um deles. “Não existem implicações legais negativas diante dessa opção. O docente poderá pedir vacância do cargo ocupado, mantendo todos os seus interstícios para férias e progressões, com exceção do estágio probatório, que deverá ter início quando da posse no novo cargo”, esclarece. No caso do concurso ainda es-

tar dentro da validade, poderão ser chamados os demais candidatos por ordem de aprovação. Também há a alternativa de destinar a vaga a outro setor de estudo, com a realização de novo concurso.

Um consenso entre os membros de banca é que, ser professor universitário não é só ensinar, pois a pesquisa é encarada como um importante legado da universidade à sociedade. “A instituição investe em pesquisa formando mestres e doutores, já pensando em formar corpo docente, corpo de pesquisa. Se o conhecimento não sai da universidade, ele dificilmente sai de outro local, pelo menos no Brasil”, afirma o Prof. Davi Morano. Já o Prof. Barros Neto, abre os olhos dos futuros professores para o tamanho da responsabilidade: “Hoje, a universidade exige uma dedicação muito grande. Isso de trabalhar oito horas não existe. É orientação, projeto, pesquisa, aula, extensão. É preciso ter paixão. Quem gosta de gente já está a meio caminho andado”.

ETAPAS DO PROCESSO

O processo de seleção para professor efetivo na UFC é basicamente o mesmo, independente do departamento ou setor de estudo. Confira abaixo os itens de avaliação:

OBRIGATÓRIOS

- Prova escrita (com tópicos de conteúdo expostos em edital)
- Prova didática (com duração de 45 a 50 minutos e tema sorteado dentro dos tópicos da prova escrita)
- Prova de títulos (normalmente composta de análise do Currículo Lattes e/ou entrevista)

OPCIONAIS

- Seminário
- Defesa de projeto de pesquisa ou extensão
- Prova prático-oral

UFC em rede

UFC inicia processo de instalação do seu Sistema Integrado de Informação. Os bancos de dados da Universidade serão unificados e os usuários receberão treinamento

O mundo da Tecnologia da Informação chegou à UFC. Já começou a ser instalado na rede de informática da Universidade o Sistema Integrado de Informação Institucional (SI3) – ferramenta que promete revolucionar, no prazo de dois anos, o gerenciamento de dados e planejamento estratégico da UFC.

Apesar de parecer distante da realidade da comunidade universitária, a novidade tem impacto direto no dia a dia de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos. Localizar informações acadêmicas, matricular-se numa disciplina, criar estatísticas sobre atividades de ensino, pesquisa e extensão são tarefas que, a partir do próximo ano, ficarão muito mais fáceis de ser realizadas.

A proposta do SI3 é integrar bancos de dados que hoje funcionam isoladamente na Universidade. “Para saber quantos professores doutores existem na UFC, por exemplo, eu posso perguntar à Pró-Reitoria de Planejamento. Mas se eu pedir a mesma informação a outra fonte, provavelmente terei um número diferente. Hoje, nossos dados estão dispersos em diferentes plataformas virtuais. Isso vai acabar”, explicou o diretor do Núcleo de Processamento de Dados (NPD), Prof. Javam Machado.

O novo Sistema deverá reunir e interligar no mesmo “pacote”, todas as informações que circulam na entidade, evitando conflitos e defasagem entre as mesmas. O “pacote”, por sua vez, será dividido em três módulos, cada qual com um conjunto de informações específicas. O primeiro a ficar pronto será o de Recursos Humanos, com todos os dados referentes a servidores,

oferta de cursos de capacitação, lotação dos funcionários etc.

De acordo com o calendário planejado pelo NPD, o segundo módulo a ser instalado será o Acadêmico, voltado para estudantes e professores. Realizar matrícula, conhecer a oferta de disciplinas por curso, identificar a quantidade de bolsas e a produção intelectual da UFC ficará, portanto, muito mais fácil e seguro. O terceiro módulo será o Administrativo, que contemplará informações referentes a orçamento, contratos e convênios, patrimônio, almoxarifado, dentre outras.

Conforme destacou o Prof. Javam, cada módulo deverá ser acessado por um tipo específico de usuário. “No decorrer da instalação do SI3 vamos apresentá-lo a todos os públicos e realizar treinamentos, para que não haja dificuldades”, afirmou.

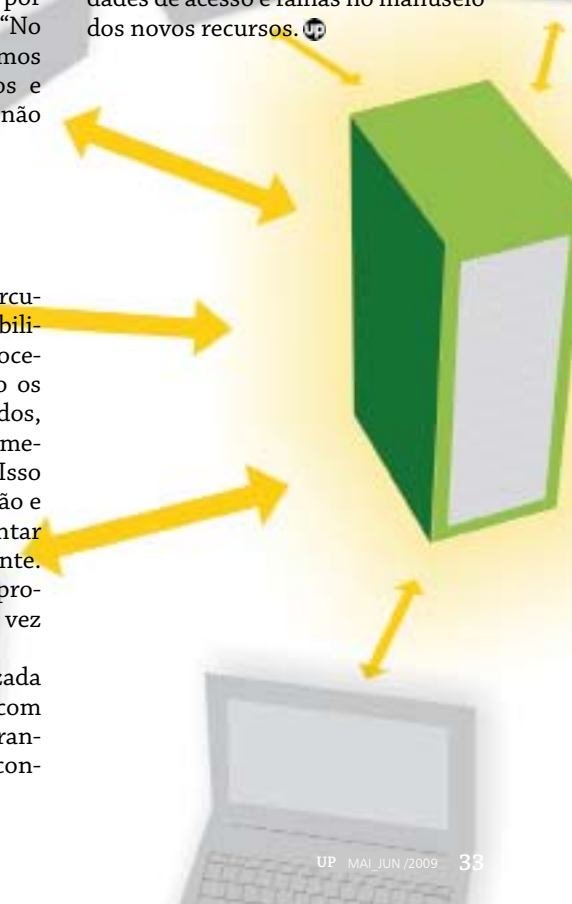
Vantagens

Integrar as informações que circulam na UFC é garantir sua confiabilidade e dar mais celeridade aos procedimentos administrativos. Como os bancos de dados estarão interligados, o risco de haver conflito entre números, por exemplo, desaparecerá. Isso significa também mais organização e transparência. Tudo isso sem contar com os ganhos ao meio ambiente. Afinal, com a virtualização dos processos, o uso do papel será cada vez mais dispensável.

A medida está sendo viabilizada por meio de cooperação técnica com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Através do con-

vênio, a administração da UFC está economizando cerca de R\$ 16 milhões – valor geralmente cobrado por empresas de TI. A estrutura técnica, aliada à integração dos sistemas, arquitetura de software e ao treinamento de usuários custará, à UFC, o total de R\$ 1 milhão, em três anos de convênio.

O Prof. Javam destaca que a instalação está em fase inicial e que todos os setores da UFC serão devidamente informados sobre as mudanças, à medida que elas forem implementadas. Ele ressaltou também que o amadurecimento do Sistema só ocorrerá, de fato, em 2011. Até lá, o NPD se prepara para evitar possíveis dificuldades de acesso e falhas no manuseio dos novos recursos.



CRIADORES E CRIATURA

Realizadores do II Festival UFC de Cultura – estudantes, professores e gestores - fazem um balanço do evento que mobilizou a UFC em novembro

Cinco dias de shows, apresentações de grupos populares e novas bandas, mostra de cinema, debates, exposições, lançamento de livros, palestras. A maratona de atividades artístico-culturais marcou mais uma vez o Festival UFC de Cultura, realizado em sua segunda edição, de 9 a 12 de novembro, na UFC. O Nordeste foi tema do evento que também homenageou o centenário de nascimento do poeta cearense Patativa do Assaré.

Algumas novidades na organização e realização diferenciaram o segundo Festival. A primeira delas foi a descentralização de atividades, que extrapolaram o pólo cultural do Benfica e chegaram até o Campus do Pici, que abrigou os shows à noite, a partir da quarta-feira em espaço privilegiado, próximo à entrada do Campus, sob frondosas mangueiras. Os cantores Fagner e Daniel Gonzaga, por exemplo, além das bandas Groovetown, do Ceará, e Mundo Livre, de Pernambuco, atraíram milhares de pessoas, em maior parte estudantes, em noites seguidas. O Pici abrigou, ainda, mostra de bandas formadas por alunos da UFC, nas proximidades do Departamento de Química, sempre na hora do almoço. No Benfica, essas apresentações aconteceram no mesmo

horário, só que no Bosque de Letras, no Centro de Humanidades.

A segunda mudança foi a contratação de empresa especializada para auxiliar a organização, agilizando o contato com artistas, a captação de recursos e a logística do evento. A terceira mudança não é exatamente uma novidade. Trata-se da consolidação e ampliação da participação de estudantes, ano passado incentivada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) e esse ano, por conta de período eleitoral na entidade, feita através do contato com cursos específicos e contratação de bolsistas.

João Luis Studart é aluno do curso de Educação Musical, ligado ao Instituto de Cultura e Arte (ICA). Ele faz parte do Programa Especial

de Treinamento (PET), do curso, que organizou a mostra de bandas universitárias. “Nós fizemos a seleção através da internet, analisamos o material enviado por e-mail e a partir daí selecionamos 10 bandas para tocar de segunda a sexta, de meio dia às 14 horas. Era pré-requisito que houvesse um aluno matriculado na UFC e que o repertório das bandas fosse todo autoral. Dessa forma, a gente conseguiu fazer um festival que realmente mostrasse algo novo”, explica.

Uma equipe de cinco estudantes de Arquitetura, orientados pelos professores Aléxia Brasil, Pedro Eymar e Gilmar de Carvalho, envolveu-se em mais dois importantes projetos do Festival: a exposição *Pa-*

tativa Centenário e o livro de ensaios *Patativa em Sol Maior*, com olhares de 13 pesquisadores brasileiros e estrangeiros sobre a obra do poeta de Assaré. “A gente começou a se reunir e trabalhar com equipes conectadas. Embora o pessoal do Museu e do livro tivessem autonomia, o livro e a exposição se comunicavam”, esclarece a professora Aléxia.

O estudante André Rodrigues conta que a exposição brinca com jogo de escalas, com xilogravuras, poemas e fotos projetados nas paredes em tamanhos grandes. “É como se tivéssemos caído dentro de enorme livro de cordel. Basta girar para contemplar o conjunto”. Já Cibele Bonfim, do quinto semestre, diz que o projeto gráfico do livro exigiu linguagem mais limpa e sóbria, por seu caráter acadêmico e de objeto que permanece além do evento.

Eles ressaltam como positiva a experiência da participação no Festival. O trabalho em equipe e a necessidade de cumprir prazos exíguos foram algumas das vantagens apontadas na participação. “Viramos noite e dormimos aqui na Faculdade, mas queríamos fazer bem feito. Como experiência de produção cultural foi nossa primeira vez”, lembra André. Sua colega Hortênsia Gadelha, que agora tem a montagem da exposição no currículo, resalta ainda a possibilidade de fazer algo que extrapole os limites do curso e da própria Universidade. “Apesar de dar trabalho, é bom ver coisa nossa realizada. É re-

Mostra de bandas universitárias agitou a hora do almoço nos campi do Benfica e do Pici

O público compareceu em massa às noites de shows na Concha Acústica e no Pici



Exposição *Patativa Centenário* foi feita em colaboração por professores e estudantes

torno que damos para a instituição e para a sociedade”.

Para a organizadora da mostra de cultura popular, aluna de Matemática, e também cantora, percussionista - membro do grupo Caravana Cultural que se apresentou durante o Festival - Lorena Lise, a interação entre os 15 grupos, em sua maior parte formada por não universitários e estudantes, foi o mais interessante. “A receptividade dos grupos foi melhor do que esperávamos. A maioria nunca havia feito apresentações em espaços como um pátio de uma universidade e percebemos de todos os grupos um encanto”.

Recuperar protagonismo

O coordenador de Marketing Institucional da UFC e organizador do Festival, Paulo Mamede, diz que o evento é momento de a Universidade mostrar o que produz nos diferentes campos da cultura e abrir-se ao que é produzido extra-campus. “O II Festival foi, assim como o primeiro, o início de um processo que pode devolver a UFC o protagonismo cearense na produção e difusão cultural. Representa também a comprovação do potencial ainda latente da Instituição nessa área. A Universidade já produz muito, embora pouco se levamos em consideração o seu potencial”.

Ele diz que o Festival demonstra a necessidade de melhor utilizar equipamentos culturais como a Concha Acústica, a Casa Amarela, o Mauc e espaços como o próprio Pici, além da importância de criar novos espaços culturais nos campi. O Festival, na verdade, segundo ele, seria mais um

instrumento de apoio à cultura na Universidade, num momento em que novas graduações como Artes Cênicas, Cinema e Audiovisual e Gastronomia são criados, e instalações físicas de equipamentos como a Casa Amarela, o Museu e o Teatro Universitário passam por melhorias, depois de longos períodos sem possibilidades de investimentos no setor. “Durante o governo FHC as federais foram perseguidas e suateadas. As universidades lutavam pela própria sobrevivência. Não havia qualquer incentivo à cultura. A UFC sentiu essa política. Seus equipamentos culturais foram jogados à própria sorte. A situação mudou. A UFC recuperou e está recuperando seus equipamentos culturais. Há recursos para investimentos e também conseguimos formar uma rede de parceiros: Governo do Estado, Prefeitura, BNB, Banco do Brasil”.

A sua avaliação do Festival resalta momentos positivos. “Realizamos um evento com organização, descentralização e muita paz. Durante todo o Festival não foi registrado, pela segurança, sequer um incidente. Nesses tempos de medo e futilidade é muito bom participar de um acontecimento que preza pela qualidade e começa e termina em paz”.

Mamede diz que o desafio é incorporar definitivamente o evento ao calendário universitário, transformando-o em referência estadual e regional e ampliando a participação da comunidade acadêmica que, em alguns momentos, ainda demonstra “descrença”, “desânimo”, ou mesmo, “indiferença”. “Estamos pensando em criar alguns fóruns para que o Festival conte com um maior envolvimento da comunidade também na sua elaboração”.

45 anos.

É tempo suficiente para mostrar o nosso potencial no mercado de trabalho.



O CETREDE - Centro de Treinamento e Desenvolvimento atua na execução de programas que valorizam o ensino, a qualificação, a profissionalização e a especialização de recursos humanos, ganhando destaque em treinamento e consultoria. Desde sua fundação em 1964, o CETREDE apóia as atividades acadêmicas da Universidade Federal do Ceará (UFC) cumprindo importante papel na formação e capacitação de milhares de profissionais no mercado de trabalho. Assim, a instituição promove cursos técnicos profissionalizantes, de extensão, de pós-graduação *lato sensu* e ainda consultoria gerencial a entidades públicas e privadas.

CURSOS de EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

- Técnico em Secretariado - TS
- Técnico em Transações Imobiliárias - TTI

CURSOS de PÓS-GRADUAÇÃO *Lato Sensu*

- Cidadania, Direitos Humanos e Segurança Pública
- Contabilidade e Planejamento Tributário
- Docência do Ensino Superior
- Engenharia de Produção
- Estratégia e Gestão Empresarial
- Gerência Executiva de Marketing
- Gestão e Finanças Públicas: com Ênfase em Estado e Município
- Logística Empresarial
- Policiamento Comunitário
- Terapia Analítico-comportamental

CURSOS de EXTENSÃO

- Avaliação Imobiliária
- Dinâmicas de Grupo
- Formação de Facilitadores com Aplicação de Jogos e Dinâmicas de Grupo
- Formação Profissional para Atendentes na Área da Saúde
- Gestão da Imagem no Ambiente Corporativo
- Gestão da Responsabilidade Socioambiental Empresarial
- Gestão em Comunicação e Marketing
- Gestão Estratégica da Logística
- Gestão Tributária nas Empresas
- Marketing e Logística de Distribuição
- Secretariado Jurídico

AV. da Universidade, 2932 - Benfica - Fortaleza - Ceará
3214. 8200 - fax: 3214.8233
www.cetrede.com.br



A Mostra de Cultura Popular trouxe 15 grupos para apresentações em espaços diversos da UFC, como Bosque de Letras e MAUC. Bandas formadas por crianças do Conjunto Palmeiras e de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra abriram shows de artistas nacionais. Nos detalhes, apresentação do Grupo Vidança e grupo Poesia Remix (em performance no MAUC)

Oficinas como Elaboração de Roteiro aconteceram durante o dia na Casa Amarela. À noite, nomes como Fagner cantaram novos e antigos sucessos

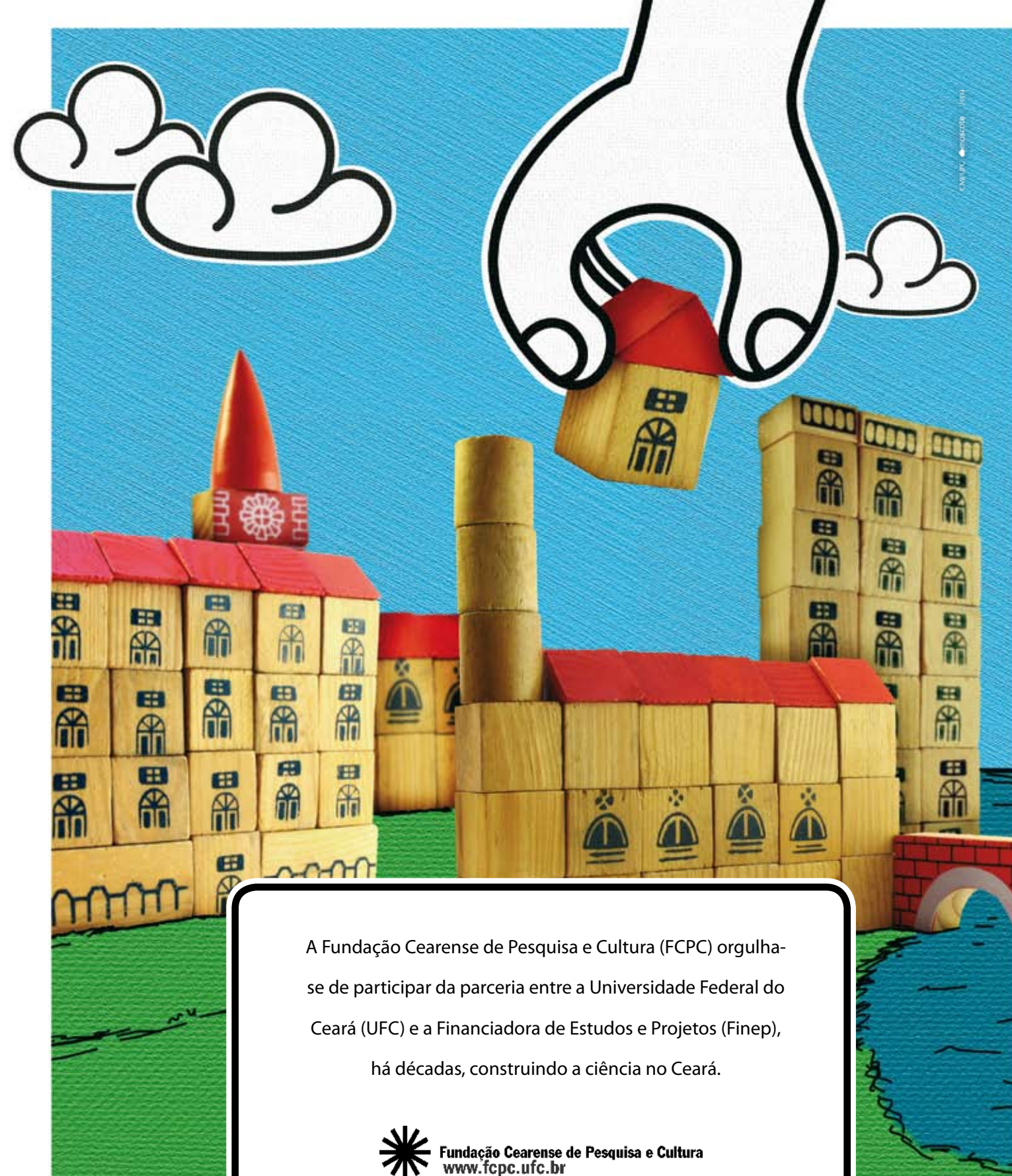
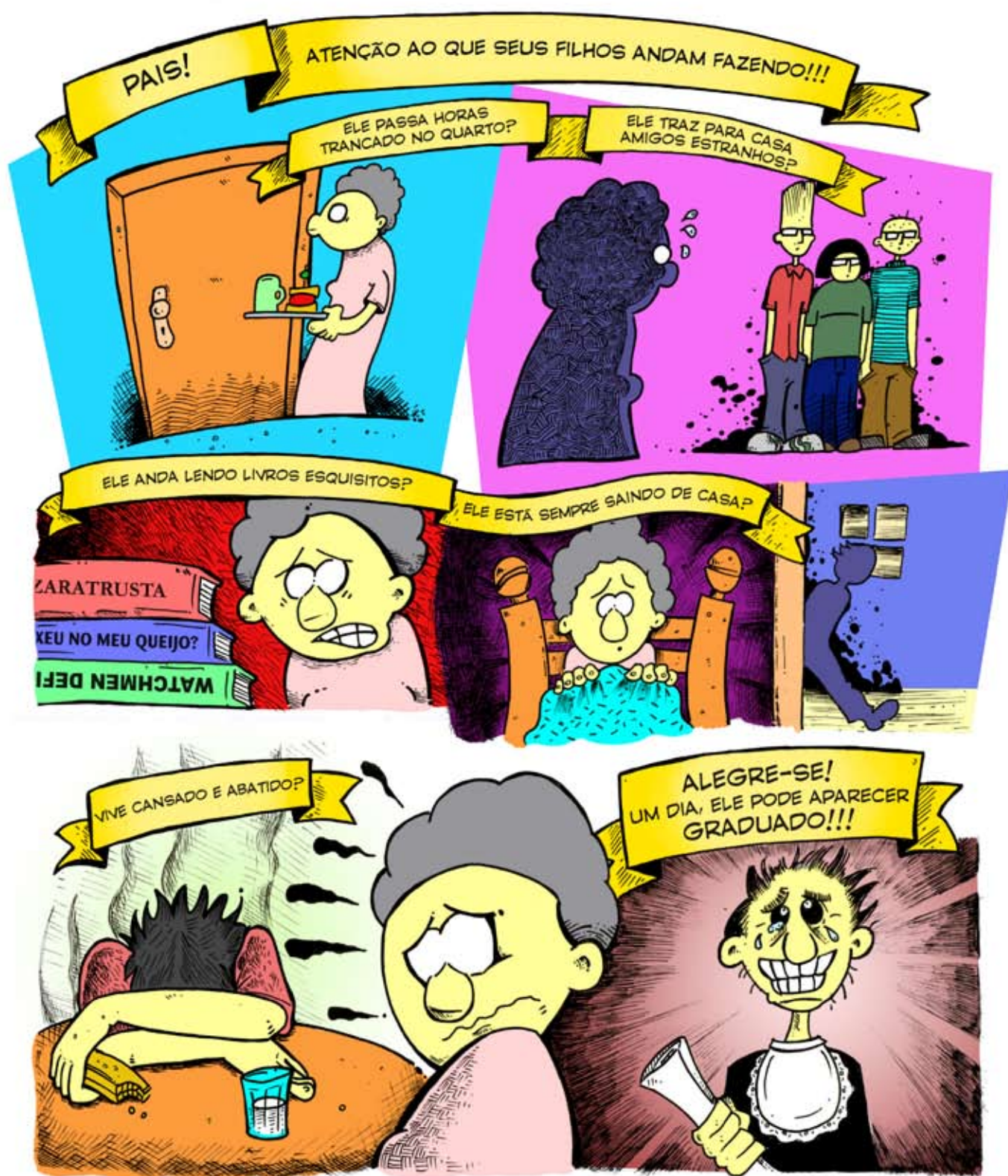
Conferências com grandes nomes como Robert Cervero, Emir Sader, José Vicente e Giuseppe Cocco ampliaram a discussão de temas como urbanismo, política na América Latina, identidade nordestina e violência. As noites de shows foram encerradas pela banda pernambucana Mundo Livre

A programação uniu, ainda, a transmissão de saberes de artistas populares como João Pedro do Juazeiro, em oficina de xilogravura, e a revelação de novos nomes da MPB, como Daniel Gonzaga

EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO E DESENHO
FELIPE LIMA
oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com



A Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC) orgulha-se de participar da parceria entre a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), há décadas, construindo a ciência no Ceará.

 Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura
www.fcpc.ufc.br

10
ANOS*Centro
Cultural
Banco do
Nordeste*

CCBNB. 10 ANOS INTEGRANDO TODAS
AS FORMAS DE ARTE COM VOCÊ.

A arte e a cultura sempre fizeram parte da vida do nordestino, um povo que dança, canta e cria como poucos no mundo. Por isso, há 10 anos, o Banco do Nordeste criou o Centro Cultural Banco do Nordeste - CCBNB. Um espaço onde a arte e a cultura da nossa Região convivem com obras de todas as partes do mundo. O resultado é um lugar onde diversas culturas se encontram e os nordestinos encontram a sua essência multicultural. CCBNB 10 anos. Você vivenciando tudo que a arte tem para oferecer. cultura@bnb.gov.br | www.bnb.gov.br/cultura

| Fortaleza-CE | Cariri-CE | Sousa-PB |

**Banco do
Nordeste**